

sem internet  
LD

ESTUDO COMPARATIVO DO USO DE CONECTIVOS  
NA ESTRUTURAÇÃO DE TEXTOS ORAIS E ESCRITOS

Lúcia Regina Ibanes Prosopio

Orientadora: Profa. Dra. Narda Zélia Simonetti

Dissertação apresentada ao De  
partamento de Linguística do Insti  
tuto de Estudos de Linguagem da Uni  
versidade Estadual de Campinas como  
requisito parcial para obtenção do  
grau de Mestre em Linguística.

Campinas  
1981

P942e  
4091/BC

BIBLIOTECA

À minha mãe

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Profa. Dra. Maria Zélia Simonetti, que foi, acima de tudo, amiga.

Ao Prof. Dr. Aryon D'Alligna Rodrigues e à Profa. Dra. Charolotte Chambelland Galves por sua crítica segura e oportuna.

À Profa. Joanna Flordeliz de Aguiar, Diretora da E.E.P.S.G. "Sud Menucci" de Piracicaba por ter permitido que a coleta de dados desta pesquisa fosse feita com liberdade e em clima agradável.

A meu marido, pela paciência, pelo carinho e pela confiança.

A todos os amigos que me incentivaram a continuar o trabalho, mesmo quando as circunstâncias de minha vida particular pareciam torná-lo impossível.

Agradeço acima de tudo a Jesus Cristo que me sorriu e me carregou com carinho, apesar de eu ter dado excessivo valor a esta dissertação de mestrado.

## RESUMO

Foram examinados neste trabalho 70 textos escritos e 70 textos orais de estudantes de 3º ano do Segundo Grau. O foco do exame incidiu sobre o emprego de conectivos entre seqüências discursivas de organização dos textos. Essas seqüências (micro-estruturas) podem sofrer operações de redução de informação, criando-se assim, para elas, representações semânticas chamadas de macro-estruturas, de acordo com VAN DIJK (1976). Segundo a teoria, a aplicação de macro-operações é recursiva.

Foram considerados neste trabalho as macro-estruturas que implicam diretamente a organização de texto como um todo. As seqüências discursivas assim delimitadas, nos textos orais e nos textos escritos, podem ser consideradas como parágrafos.

O levantamento dos conectivos que ocorrem nos textos entre as seqüências discursivas (quadros) consideradas, demonstrou a existência de dois outros tipos de elementos linguísticos que são empregados entre seqüências: os introdutores, empregados no início do primeiro quadro do texto, e os finalizadores, empregados no final dos quadros do texto.

Foi postulada tanto para os introdutores e finalizadores, como para os conectivos, uma função predominantemente fática. Isto quer dizer que a maioria dos conectivos empregados entre as seqüências discursivas consideradas no trabalho não têm valor semântico relacional específico, mas somente um valor pragmático, de estabelecer e manter o contato entre emissor e receptor do texto.

Notações

Foram utilizadas neste trabalho as seguintes notações:

O = texto oral

E = texto escrito

A = grupo A

B = grupo B

C = grupo C

§ = indicação de início de parágrafo gráfico

. = ponto final

, = vírgula

\_\_\_\_\_ = ausência de conectivo (conforme indicação no texto)

— = cadeia escrita (conforme indicação no texto)

- - - = cadeia falada (conforme indicação no texto)

[ ] = transcrição fonética

## ÍNDICE

|  |    |
|--|----|
| Resumo .....   | I  |
| Notações .....   | II |
| 1. Introdução .....  | 01 |
| 2. Revisão da Bibliografia .....                           | 05 |
| 2.1. Revisão de conceitos .....                            | 06 |
| 2.1.01. Língua oral e língua escrita .....                 | 06 |
| 2.1.02. Estilo .....                                       | 06 |
| 2.1.03. O texto .....                                      | 09 |
| 2.1.04. Coesão textual .....                               | 12 |
| 2.1.05. Uma teoria do texto .....                          | 14 |
| 2.1.06. Parágrafos .....                                   | 26 |
| 2.1.07. Conectivos .....                                   | 27 |
| 2.1.08. Rede semântica .....                               | 28 |
| 2.1.09. Funções da linguagem .....                         | 29 |
| 2.1.10. Enunciados performativos e constativos .....       | 29 |
| 2.1.11. Uma crítica às gramáticas de texto .....           | 30 |
| 2.1.12. O modelo de análise empregado nesta pesquisa ..... | 33 |
| 2.2. Duas pesquisas sobre redações escolares .....         | 35 |

|  |    |
|--|----|
| 3. Metodologia .....   | 38 |
| 3.1. A pesquisa .....  | 39 |
| 3.1.1. A escolha do tema e do tipo de material<br>a ser obtido ..... | 39 |
| 3.1.2. Os sujeitos da pesquisa .....                                 | 40 |
| 3.1.3. A cidade de Piracicaba .....                                  | 41 |
| 3.1.4. A coleta de dados .....                                       | 41 |
| 3.1.5. O estilo dos textos .....                                     | 42 |
| 3.2. Sistematização dos dados .....                                  | 43 |
| 3.2.1. Segmentação dos textos orais .....                            | 43 |
| 3.2.2. Segmentação dos textos escritos .....                         | 44 |
| 3.2.3. Levantamento de conectivos .....                              | 45 |
| 4. Análise .....   | 47 |
| 4.1. Introdutores e conectivos .....                                 | 48 |
| 4.1.1. Conectivos em textos orais .....                              | 48 |
| 4.1.2. Conectivos em textos escritos .....                           | 50 |
| 4.1.3. Introdutores .....  | 53 |
| 4.2. Tipologia dos conectivos .....                                  | 54 |
| 4.2.1. Relação conjuntiva .....                                      | 56 |
| 4.2.2. Relação disjuntiva .....                                      | 56 |
| 4.3. A função dos introdutores .....                                 | 68 |
| 4.4. Finalizadores .....   | 68 |
| 4.5. Paragrafação de textos escritos .....                           | 71 |
| 4.6. Locuções performativas .....                                    | 72 |

|  |     |
|--|-----|
| 5. Conclusões .....  | 74  |
| 6. Apêndice .....  | 80  |
| 6.1. Modelo de questionário utilizado neste trabalho .....                                 | 81  |
| 6.2. Quadros demonstrativos de ocorrência<br>de conectivos e introdutores .....            | 82  |
| 6.3. Amostragem de textos com delimitação de quadros<br>e detecção de rede semântica ..... | 89  |
| 6.4. Amostragem de quadros de análise .....  | 111 |
| 7. Bibliografia .....  | 132 |

## 1. Introdução

## 1. Introdução

Este trabalho tem por objetivo examinar o uso de conectivos entre unidades semânticas que estruturam textos dissertativos orais e escritos de estudantes de 3º ano do Segundo Grau.

Considerando vários estudos sobre a redação escolar e considerando a preocupação geral em torno do problema da produção da dissertação escolar a nível de Segundo e Terceiros Graus, que freqüentemente se coloca a público através dos canais de comunicação de massa, surgiu o interesse de confrontar textos escritos com textos orais de estudantes de Segundo Grau e observar suas relações.

Pesquisas sobre o texto dissertativo suscitam maior interesse nos meios escolares em relação às outras modalidades de texto escrito, como a narrativa, por exemplo. Esse maior interesse se deve ao fato de que a modalidade dissertativa é aquela que é exigida no exame vestibular, que é o objetivo de quase todos os estudantes de Segundo Grau. De certa forma, pode-se dizer que o próprio ensino da língua materna no Segundo Grau se estrutura e se direciona nesse sentido.

Procurou-se trabalhar com a última série do Segundo Grau por que os rapazes e moças desse estágio de escolaridade são o produto de todo um sistema de ensino de língua materna no Primeiro e Segundo Graus. Este trabalho não tem a pretensão de aferir possíveis erros e acertos do sistema através dessa reduzida amostra de seu produto. Contudo, pode ser uma contribuição para um trabalho mais amplo nesse sentido.

O corpus desta pesquisa é constituído de 70 textos dissertativos escritos e de 70 textos orais, produzidos por estudantes de 3º ano do Segundo Grau da EEPSG "Sud Menucci" de Piracicaba, Estado de São Paulo. Tanto os textos orais como os textos escritos versarem sobre o mesmo tema: "poluição".

Os resultados que são obtidos da análise do corpus são aplicáveis ao ensino da dissertação a nível de Primeiro e Segundo Graus, no sentido em que partem de uma concepção de texto enquanto um todo,

recortável em unidades que funcionam argumentativamente. Essa concepção pode ser passada aos estudantes e pode auxiliá-los na produção (e na recepção) dos textos chamados dissertativos.

O ponto de partida para a análise do corpus foi a teoria se mântica de VAN DIJK (1976). Escolheu-se esse modelo teórico porque a sua concepção de texto coincidiu com nossas próprias intuições a res peito da organização textual. Contudo, algumas alterações foram feitas na aplicação do modelo. Essas alterações foram devidas à possibilidade que vimos de adaptar o modelo a nossas necessidades didáticas especí cas.

Basicamente o modelo considera o texto como uma unidade de comunicação estruturada em seqüências de sentenças (micro-estruturas), dominadas por macro-estruturas. Essas macro-estruturas são unidades se mânticas definidas como tópicos discursivos (conceitos, proposições ou conjuntos de proposições que resumem o significado do texto).

As regras para a obtenção das macro-estruturas (macro-opera ções) são recursivas e é possível, pela teoria, considerar o texto to do dominado por uma macro-estrutura geral (no caso do presente estudo, o conceito de "poluição").

Optou-se, neste trabalho, por trabalhar com seqüências de sen tenças obtidas num primeiro nível de segmentação dos textos. Essa foi uma opção pessoal de trabalho, gerada pelo interesse em pesquisar o texto como um todo organizado em grandes unidades semânticas, que ca racterizariam, por hipótese, o discurso dissertativo, em oposição a ou tros tipos de discurso. Essas unidades coincidem com uma concepção fun cional do parágrafo.

Este trabalho incidiu somente sobre elementos linguísticos conectivos empregados efetivamente entre essas grandes macro-estrutu ras, gerando a seqüência final dos textos do corpus. E, com relação ao uso desses conectivos, chegou-se à conclusão que apresentam comporta mentos diferentes nos textos orais e nos textos escritos.

Os resultados do levantamento da freqüência de conectivos en

tre as unidades discursivas consideradas no corpus, levantam a hipótese de que esses elementos teriam essencialmente uma função fática no nível macro-estrutural considerado.

O caráter pragmático dos conectivos ao nível de análise escolhido para esta pesquisa foi uma constatação inesperada, tanto que, dentro do modelo de análise de VAN DIJK (1976), que propõe um tratamento semântico e um tratamento pragmático para o texto, optou-se inicialmente pelo semântico. Contudo, no decorrer da análise, o elemento pragmático se impôs e foi preciso apresentá-lo como fundamental.

## 2. Revisão da Bibliografia

## 2. Revisão da Bibliografia

### 2.1. Revisão de conceitos

#### 2.1.1. Língua oral e língua escrita

RUBIN (1978) estabelece diferenças entre língua oral e língua escrita em três dimensões:

- a) dimensão estrutura, que envolve vocabulário, sintaxe e estruturação do discurso;
- b) dimensão tópico, envolvendo o universo expresso no discurso; e
- c) dimensão função, que tem a ver com a finalidade pragmática do discurso.

Essa tripartição não se refere especificamente à língua oral e à língua escrita de um mesmo indivíduo, mas a diferenças entre a língua oral da criança e a língua oral que ela tem que decodificar na leitura. Embora a autora esteja preocupada com o levantamento das dificuldades encontradas pela criança em idade de alfabetização enquanto enfrenta a tarefa de ler, as diferenças que estabelece entre língua oral e língua escrita são relevantes para a natureza do presente trabalho.

Sobre as diferenças na dimensão estrutura, RUBIN (1978: 21) afirma:

"... because children's experience is with oral, interactive conversations, they may have to learn new syntactic rules for reading." (O grifo é meu).

#### 2.1.2. Estilo

Na coleta dos textos que compõem o corpus deste trabalho houve cuidados para se obterem textos orais e escritos dentro de um mes

grau de formalismo.

As variações de grau de formalismo são consideradas como variações de registro.

RODRIGUES (1968), assim como BOWEN (1966), distingue dois tipos de variações linguísticas: variantes dialetais e variantes de registro. As variantes dialetais dão-se em função do falante e são: variantes espaciais, de classe social, de grupos de idade, de sexo. As variantes de registro dão-se em função do ouvinte: variantes de grau de formalismo, de modalidade (falada e escrita) e de sintonia (ajustamento do emissor ao receptor).

Com relação à variante de grau de formalismo, LABOV (1972) opõe a fala cuidada ("careful speech") à fala casual ("casual speech"). A fala cuidada seria aquela que o indivíduo empregaria numa entrevista formal, por exemplo. A fala casual seria aquela que o indivíduo utilizaria fora dessa situação de entrevista, quando não prestasse atenção em sua própria fala. A situação de entrevista face a face seria classificada como o "contexto B", que provocaria a fala cuidada, designada por "estilo B".

Os textos orais e os textos escritos do corpus desta pesquisa podem ser classificados como pertencentes ao "estilo B" de fala (estilo formal), uma vez que foram produzidos em situações semelhantes.

O interesse de LABOV na distinção entre vários estilos de fala prendeu-se à sua necessidade de isolar diferentes contextos onde ocorriam determinadas variáveis fonológicas, para poder testar sua hipótese de variação regular. O interesse desta pesquisa em conseguir um só estilo para todos os textos do corpus prendeu-se à necessidade de evitar "estilos" diferentes de organização do texto dissertativo.

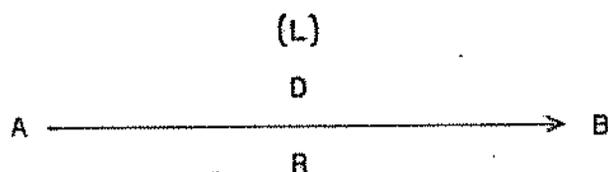
Ilustrando as variações do grau de formalidade do discurso, PRETTI<sup>1</sup> aponta variação sintática e semântica na organização do texto oral de um mesmo indivíduo, dependendo da "atitude" do falante em relação à situação do discurso. Um indivíduo, em contexto informal (situação inconsciente de gravação), produziu a narração de um acontecimento

dentro de um estilo informal de fala. Logo após, o mesmo indivíduo, num contexto formal (situação de gravação consciente), produziu a narração do mesmo acontecimento dentro de um estilo mais formal, com escolhas sintáticas e semânticas mais elaboradas, num outro registro de fala.

As considerações acima permitem afirmar que o estilo do discurso varia de acordo com variações em suas condições de produção.

#### 2.1.2.1. Condições de produção do discurso.

Para PÉCHEUX (1969), uma descrição extrínseca do comportamento lingüístico em geral (por oposição à análise intrínseca da cadeia falada) pode ser representada dentro de um esquema "informacional". Esse esquema leva em consideração todos os fatores constitutivos do processo lingüístico descrito por JAKOBSON (1975) como segue:



Onde:

- A = o "emissor"
- B = o "destinatário"
- R = o "referente"
- (L) = o código lingüístico comum a A e B
- = o "contato" estabelecido entre A e B
- D = a seqüência verbal emitida por A em direção a B

Uma situação específica de discurso implica numa relação es  
pecífica desses fatores constitutivos do processo linguístico.

Qualquer alteração nas relações do conjunto, como por exem  
plo uma mudança na "imagem" que o emissor faz de seu receptor ou de si  
mesmo, como no caso da experiência de PRETTI, descrita acima, altera as  
condições de produção do discurso e, conseqüentemente, acarreta altera  
ções na própria natureza do discurso.

### 2.1.3. O texto

Será aqui acolhida a definição de texto de HALLIDAY e HASAN  
(1976:1):

"The word text is used in linguistics to refer to any  
passage, spoken or written, of whatever length, that does  
form a unified whole. We know, as a general rule, whether any  
specimen of our own language constitutes a text or not."

O texto é, ainda segundo HALLIDAY e HASAN (1976: 1 e ss), uma  
unidade semântica e não deve ser analisado como uma seqüência de sen  
tenças interligadas pelo mecanismo de constituição ("constituency").

Será a noção de textura que possibilitará distinguir entre  
um texto e um não-texto. A textura é dada por certos traços linguísti  
cos (ligações) que provêm a coesão textual. Essas ligações ("ties")  
que se estabelecem entre as sentenças do texto são de duas naturezas:  
gramatical (pelas relações de referência, substituição e elipse) e le  
xical, havendo ainda um terceiro tipo que está na fronteira das duas  
anteriores: a conjunção.

HALLIDAY e HASAN (1976: 25) ainda consideram o texto como uma  
unidade da organização semântico-situacional da língua:

"It is a unit of situational-semantic organization: a  
continuum of meaning-in-context, constructed around the se  
mantic relation of cohesion".

Mas, embora admitam o componente situacional (contextual) de terminando a significação dos textos, limitam-se a desenvolver seu trabalho no sentido de levantar as relações coesivas que se estabelecem entre as sentenças dos textos.

O presente trabalho considera que a definição acima, que toma o texto como uma unidade lingüística sentida como um todo (pela intuição dos falantes da língua), é suficientemente abrangente para colocar todo o material escrito e oral do corpus da pesquisa sob a denominação única do texto.

Em alguns pontos deste trabalho o termo discurso será utilizado em lugar de texto e serão ambos considerados sinônimos.

Após examinar algumas conceituações de discurso, OSAKABE - (1979: 31) formula uma conceituação de discurso que une a noção da natureza do discurso segundo BENVENISTE e a noção da delimitação do discurso segundo PÈCHEUX. Essa caracterização do discurso, válida também para a noção de texto, é dada a seguir:

"Do ponto de vista de sua natureza, o discurso caracteriza-se inicialmente por uma maior ou menor participação das relações entre um eu e um tu; em segundo lugar, o discurso caracteriza-se por uma maior ou menor presença de indicadores de situação; em terceiro lugar, tendo em vista sua pragmaticidade, o discurso é necessariamente significativo na medida em que só se pode conceber sua existência enquanto ligada a um processo pelo qual eu e tu se aproximam pelo significado; e finalmente, o discurso tem sua semanticidade garantida situacionalmente, isto é, no processo de relação que se estabelece entre suas pessoas (eu/tu) e as pessoas da situação, entre seus indicadores de tempo, lugar etc. e o tempo, lugar etc. da própria situação.

Do ponto de vista de sua extensão, o discurso constitui uma entidade mais ampla do que a frase (a não ser que de terminada frase possa ser caracterizada como discurso); em segundo lugar está limitado por dois blocos semânticos, que

se devem quer à ausência pura e simples de uma cadeia significativa que o constitui, quer à alteração do locutor."

### 2.1.3.1. O texto dissertativo

Os textos que compõem o corpus desta pesquisa são classificados como dissertações.

O termo dissertação é recorrente na bibliografia relativa à linguística aplicada ao ensino de língua materna e nos compêndios escolares oferecidos aos estudantes de Segundo e Terceiro Graus.

A definição de dicionário admite duas acepções para o termo dissertação:

"Dissertação, s.f. (l. dissertatione): -

- 1 - Breve tratado sobre qualquer tema especulativo ou de aplicação.
- 2 - Exame, desenvolvimento, exposição escrita ou oral de um ponto doutrinário; tese." <sup>2</sup>

A primeira acepção dá à dissertação a função expositiva. A segunda, a função retórica. GARCIA (1967) admite as duas acepções e, através delas, distingue duas modalidades "dissertativas": dissertação para a acepção 1 do dicionário e argumentação para a acepção 2.

A diferença fundamental entre as duas é que a primeira tem caráter essencialmente expositivo, enquanto que a segunda tem características de persuasão, inserindo os textos numa perspectiva retórica, com implicações de interação emissor-receptor do discurso.

Mesmo sendo possível classificar alguns dos textos produzidos pelos sujeitos desta pesquisa como formas de argumentação e mesmo reconhecendo a intenção persuasiva de muitos dos mesmos textos, eles são aqui referidos como dissertações. Isso pelo mesmo fato de que nem todos os textos possuem caráter argumentativo e também porque dissertação parece ser um termo mais abrangente do que argumentação.

VAN DIJK (1976) postula uma classificação dos tipos de dis

curso a partir do levantamento das funções semânticas de suas macro-estruturas<sup>3</sup> e de suas relações para o estabelecimento da estrutura discursiva global. Contudo, esse levantamento fica colocado somente como uma sugestão, um trabalho por se fazer, que ele atribui à análise do discurso<sup>4</sup>.

#### 2.1.4. Coesão textual

Este trabalho tem como material de pesquisa textos dissertativos orais e escritos.

Um texto se define por sua coesão, pelos vários mecanismos de ligação entre seus elementos lingüísticos.

TIERNEY e MOSENTHAL (1980) apresentam quatro modelos de análise textual que, explícita ou implicitamente, definem a noção de coesão textual a um nível semântico.

O modelo de análise textual de KINTSCH (1974) distingue um texto base modelo ("template text base") que é composto por uma lista de proposições ligadas entre si. As proposições são unidades conceptuais ("idea units") formadas por um predicado e seus argumentos, sendo que uma proposição inteira pode funcionar como argumento em outra proposição. Estabelece-se desse modo uma organização hierárquica entre as proposições de um texto, que define sua coesão sintática e semântica.

FREDERIKSEN (1975) propõe um tipo de rede lógica ("logic network") para especificar relações entre proposições. As proposições, em seu modelo, são definidas por relações casuais entre um predicado e seus argumentos. Duas proposições se relacionam através de uma terceira, que especifica relações temporais, causais, comparativas, conjuntivas e concessivas entre as duas primeiras. A rede lógica define a coesão sintático/semântica do texto.

A análise estrutural de MEYER (1975 a) baseia-se nas relações que ela define como predicados. Ela divide os predicados em duas classes: predicado lexical e predicado retórico. O predicado lexical define-se por relações casuais a nível de sentença. O predicado retórico é

um conceito retórico que toma como argumentos uma ou mais sentenças e que, a um nível mais alto, é tomado como argumento de um predicado que domine; por exemplo, um parágrafo, e assim sucessivamente, até chegar-se ao predicado que toma como argumentos todas as maiores proposições retóricas do texto.

HALLIDAY e HASAN (1976) desenvolvem um modelo semântico de análise textual que considera o texto como um todo coeso, como uma unidade de comunicação. A coesão textual se dá segundo quatro processos: referência, substituição/elipse, coesão lexical e conjunção, sendo que os três primeiros são dados a nível de itens lexicais pressupostos no texto e retomados anaforicamente.

Além desses quatro processos coesivos, HALLIDAY e HASAN (1976: 227) postulam um conjunto de relações coesivas que podem ser estabeladas nos textos:

"These relations constitute a highly generalized component within the semantic system, with reflexes spread throughout the language, taking various forms ...".

Como exemplo para esse tipo de relações, os autores apontam a relação de sucessão temporal.

O processo coesivo conjunção é um tipo diferente de relação semântica entre unidades textuais. Segundo os autores é:

"a specification of the way in which what is to follow is systematically connected to what has gone before". -

(HALLIDAY e HASAN (1976: 227)).

Para HALLIDAY e HASAN (1976), sentenças são as unidades do texto que são sistematicamente conectadas pela relação coesiva conjunção. Não são os itens conjuntivos por eles mesmos, porém, que garantem a coesão do texto, mas, as relações semânticas subjacentes ao sentido das sentenças. A partir dessa observação, seria de se esperar que a abordagem das relações inter-sentenças se desse a nível de estrutura profunda. Contudo, não é essa a perspectiva de análise linguística que

HALLIDAY e HASAN (1976: 227) assumem:

"When we are considering these sentences specifically from the point of view of cohesion, however, we are inevitably concerned with their actual sequence as expressed, because cohesion is the relation between sentences in a text, and the sentences of a text can only follow one after the other."  
(O grifo é meu).

Essa opção de modelo de análise vem da concepção do texto como unidade de comunicação, inserida num contexto particular. O contexto envolve variáveis extra-linguísticas que determinam o processo de produção do texto.

Dos quatro modelos apresentados acima, somente o de MEYER admite um nível de análise da coesão textual mais alto do que o nível das sentenças (ou proposições), quando distingue os predicados lexicais dos predicados retóricos.

Essa perspectiva de análise da coesão textual e da organização semântica do texto, a um nível mais alto do que o nível da sentença é também encontrada em VAN DIJK (1976), que elabora o modelo teórico tomado como ponto de partida para a análise dos textos que compõem o corpus desta pesquisa. Nesse modelo, a coesão textual é definida em termos de relações hierárquicas entre macro-estruturas.

A seguir será feito um esboço do modelo de VAN DIJK (1976), com aplicação da análise a um dos textos orais e a um dos textos escritos que compõem o corpus desta pesquisa, a título de ilustração.

## 2.1.5. Uma teoria do texto

### 2.1.5.1. Macro-estruturas

VAN DIJK (1976: 130-163) propõe-se a examinar a natureza semântica do elemento de análise linguística a que chama de macro-estrutura.

Para a definição de macro-estrutura é necessário que sejam antes examinadas as noções de sentença ("sentence"), proposição, tópico discursivo e quadro ("frame"), conforme estão na teoria.

Sentença equivale à noção tradicional de período: uma unidade de linguística composta de uma ou mais orações. É uma noção sintática.

Proposição é a estrutura conceptual que subjaz à sentença. É uma noção semântica.

Tópico discursivo é um elemento semântico que incide sobre seqüências de sentenças ou, mais especificamente, sobre a informação veiculada por seqüências de sentenças, reduzindo-a (resumindo-a), organizando-a e categorizando-a.

Essa noção abstrata de tópico de discurso explicita-se em termos de estruturas proposicionais (ou estruturas formalmente equivalentes). A estrutura proposicional pode ser expressa por um conceito ou por uma proposição que organize hierarquicamente a estrutura conceptual da seqüência de sentenças considerada.

O tópico de um discurso (ou de parte de um discurso) é uma proposição (ou conceito) implicado ("entailed") pelo conjunto de proposições expresso pela seqüência. Essa proposição domina toda a informação da seqüência.

Uma proposição tópica pode ser complexa, isto é, composta de tópicos atômicos (ou subtópicos).

Sentenças que expressam proposições (sub)tópicas diretamente são chamadas sentenças tópicas. Essas sentenças não precisam necessariamente ocorrer na seqüência.

Quadro ("frame") é um subsistema de conhecimento sobre algum fenômeno do mundo. Uma seqüência de sentenças dominada por um tópico discursivo caracteriza um quadro.

Os falantes de uma língua não somente têm capacidade para produzir ou interpretar discursos (ou partes deles), como também têm capacidade para mudar um tópico de discurso e perceber uma tal mudança de tópico num discurso ou conversação. Pode-se esperar uma mudança de tópico se uma das sentenças do discurso não pertencer a um dado tópico e

se uma das sentenças é o primeiro membro de uma seqüência com um tópico diferente: isto é, se a sentença introduz um argumento ou um predicado que não pode estar contido ("subsumed") em argumentos ou predicados de ordem maior do tópico dado.

VAN DIJK (1976) postula para a noção de macro-estrutura a mesma caracterização da noção de tópico discursivo dada acima. Isto quer dizer que uma macro-estrutura de uma seqüência é uma representação semântica, ou seja, uma proposição implicada ("entailed") pela seqüência de proposições subjacentes ao discurso ou a parte dele.

Essa definição tem duas implicações: a primeira, que a macro estrutura de uma sentença simples pode ser idêntica à sua estrutura proposicional subjacente. A segunda, que podemos falar de níveis de macro estruturas num discurso. Assim, quando se fala sobre a macro-estrutura de uma seqüência, refere-se à macro-estrutura mais geral, implicada pelas outras macro-estruturas, e que domina a seqüência toda.

As macro-estruturas integram parte do significado do discurso e por isso têm que ser levadas em consideração numa representação semântica. Isso porque o significado de uma seqüência não é a soma das proposições que subjazem à seqüência, mas sim, é o todo que resulta da organização hierárquica dos significados de suas sentenças.

#### 2.1.5.2. Macro-operações

Para obterem-se macro-estruturas de quaisquer seqüências de vem ser aplicadas algumas operações. Há dois tipos de operação: uma que reduz a informação, apagando-a, e outra que integra a informação a um nível mais global de representação.

Há uma restrição que vale para todas as regras de macro-operações: informações que são pressupostas por informações posteriores no discurso não podem ser apagadas. Essa restrição garante que a macro estrutura seja semanticamente bem formada.

A seguir são dadas as regras de macro-operações de acordo

com a teoria de VAN DIJK (1976):

1ª regra: redução de informação - apagamento de predicados atributivos, que se referem a propriedades acidentais. A informação apagada é irre recuperável. Regra seletiva.

2ª regra: redução de informação - apagamento de informação constitucional (normal) de um certo conceito ou quadro ("frame"). A informação apagada especifica causas e conseqüências predizíveis ("expected") de acontecimentos, razões e conseqüências de ações, ações preparatórias e auxiliares, acontecimentos, ações ou objetos componentes normais, o "setting" (tempo, lugar, mundo) do objeto, da ação ou do acontecimento. A informação apagada é recuperável indutivamente. Regra seletiva.

3ª regra: generalização simples - apagamento de informação essencial - vários objetos ou propriedades de uma mesma classe superior denada podem ser referidos, globalmente e, pelo nome da classe superior denada. A informação apagada é irre recuperável. Regra construtiva.

4ª regra: generalização de informação essencial de um fato de nível mais alto ("a higher level fact") em relação aos objetos e propriedades englobados pela regra três. A informação não é propriamente apagada, mas é integrada. A informação é recuperável porque faz parte de um conceito ou quadro mais gerais. Regra construtiva.

Todas as operações satisfazem a relação de implicação ("entailment"). Isto é, depois da aplicação de qualquer operação, as macro proposições resultantes são implicadas pela micro-estrutura (i.e. a seqüência das proposições-sentença).

As macro-operações reduzem informação por vários tipos de abstração: detalhe irrelevante, constituintes ou propriedades normais, subconjuntos de especificações, propriedades e constituintes necessários não são referidos pelas macro-proposições.

As macro-regras formuladas acima são recursivas: toda a vez que haja uma seqüência de proposições satisfazendo as condições, uma nova macro-estrutura, a um nível mais geral será formada. O nível ma

cro-estrutural mais alto do texto é a macro-estrutura que resume o texto como um todo. Essa macro-proposição deve ser a macro-proposição menos generalizada ("least general") para garantir "conteúdo" específico suficiente para uma macro-estrutura de nível mais baixo.

As operações serão aplicadas se e somente se o input for constituído de pelo menos duas proposições.

A título de ilustração para a aplicação das macro-operações, serão apresentados dois textos do corpus, um oral e um escrito, e serão aplicadas a eles essas regras.

Os textos aparecem com recortes que correspondem às seqüências que são percebidas como unidades funcionais dentro do discurso tomado como um todo<sup>5</sup>. A noção de rede semântica ajuda a delimitar essas seqüências<sup>6</sup>.

Como ficou dito acima, a macro-estrutura que resume a seqüência discursiva pode ser composta de uma proposição ou de um conjunto de proposições.

O - C - Fernando Cezar

é / poluição / poluição pra mim é / cho que é a coisa / pior que existe / hoje em dia né / e é o que / realmente acontece muito né / nas grandes cidades / inclusive nós temos um / um rio aí né / que já (riso) / que / sei lá / eu cho que é / a num ten condição né / ié / prejudica muita coisa né / inclusive os peixes / éã / essa poluição em São Paulo / eu acho que / é muito prejudicial à saúde / ã / à vegetação né / tem é / eu acho que u um / uma das piores coisas que existe / hoje em dia / e eu acho que é só isso (riso) / eu num tenho nada pra falá / e / é / só isso mesmo /

1ª macro-estrutura: - a poluição é a pior coisa que existe;  
- a poluição acontece muito.

## Aplicação das regras: -

## a) apagamento de setting (2ª regra):

"/ hoje em dia /";

"/ nas grandes cidades /";

## b) apagamento de ilustração de acontecimento (2ª regra):

"/ inclusive nós temos um rio aí né / que já / que / sei lá / eu  
cho que é / a num tem condição né / is / prejudica muita coisa né /  
inclusive os peixes /".

2ª macro-estrutura: - a poluição em São Paulo é prejudicial;  
- a poluição é uma das piores coisas.

## Aplicação das regras: -

## a) apagamento do setting (2ª regra):

"/ hoje em dia /";

## b) apagamento de objeto componente normal (2ª regra):

"/ à saúde /";

"/ à vegetação /".

## Observações:

- a) os relatores (conectivos, introdutórios e finalizadores) <sup>7</sup>  
são apagados;
- b) a última porção da cadeia falada, que não é incluída na mi  
cro-estrutura da última sequência, faz parte da situa  
ção do discurso, pertencente ao contexto, e não ao tex  
to.

E - C - Fernando Cezar

- A Poluição -

Todos nós sabemos que devemos preservar os rios, lagoas e mares, sabemos também que necessitamos deles, pois nos dão água e alimentos, fornecem energia elétrica e condições para um meio de transporte.

Acontece que atualmente, por negligência da parte de usineiros e proprietários de companhias fabricantes de detergentes, andam despejando em nossos rios restilos e resíduos, substâncias químicas nocivas a saúde desses, os quais em perfeitas condições naturais, nos fazem tanto bem.

---

Não há resposta para a pergunta: Por que poluir os rios? A não ser que tais proprietários sejam individualistas (caso da maioria) pensam somente no seu progresso.

---

A poluição destrói a vida aquática, maltrata as margens dos rios e mares, incomoda a população, a mais beneficiada por essa natureza.

Assim, quando se descobrir que o progresso material nos leva a nada será tarde e essa maravilha natural estará totalmente destruída.

1ª macro-estrutura: - devemos preservar a água;  
- estão poluindo a água.

Aplicação das regras: -

a) generalização simples (3ª regra):

"os rios, lagoas e mares" são resumidos por "água";

b) apagamento da causa (2ª regra):

"sabemos também que necessitamos deles", apesar de não ser precedi

do por conjunção causal, é tomado como uma proposição que indica a causa da necessidade de preservar a água;

c) apagamento de causa (2ª regra):

"pois nos dão água e alimento, fornecem energia elétrica e condições para um meio de transporte";

d) apagamento de setting (2ª regra):

"atualmente";

e) apagamento de causa (2ª regra):

"por negligência da parte de usineiros e proprietários de companhias fabricantes de detergente";

f) generalização de informação simples e generalização de informação essencial (4ª regra combinada com a 3ª regra):

"despejando em nossos rios restos e resíduos, substâncias químicas nocivas a saúde desses" é substituído por "poluindo a água";

"rios" é generalizado por "água";

g) apagamento de informação essencial (oração adjetiva) (2ª regra):

"os quais em perfeitas condições naturais nos fazem tanto bem".

2ª macro-estrutura: - pergunta sobre a causa da poluição;

- resposta: proprietários de fábricas são individualistas.

Aplicação das regras: -

a) transformação de interrogação direta em interrogação indireta (essa não é uma regra postulada pela teoria, mas uma vez que optou-se por colocar a pergunta na macro-estrutura, parece que, ao nível da proposição semântica, deve constar a pergunta indireta;

b) apagamento de antecedente de condicional (2ª regra):

"não há resposta para a pergunta ... a não ser que";

c) apagamento de informação constitucional (2ª regra):

"caso da maioria" (exemplificação);

"pensam somente no seu progresso" (adjetiva explicativa).

3ª macro-estrutura: - a poluição destrói a natureza;  
 - será tarde quando se descobrir que a  
 poluição destrói a natureza.

Aplicação das regras: -

a) generalização de informação essencial (3ª regra):

"destrói a vida aquática, maltrata as margens dos rios e mares, in  
 comoda a população, a mais beneficiada por essa natureza" é general  
 lizada por "destrói a natureza";

b) fusão de informação redundante (essa regra não consta das macro-oper  
 rações postuladas por VAN DIJK, mas parece adequada aqui);

"não nos leva a nada" e

"destruirá totalmente essa maravilha natural" (a construção na voz  
 ativa de "essa maravilha natural será totalmente destruída") -  
 - podem ser fundidos em "destrói a natureza".

#### 2.1.5.2.1. Restrições às regras de macro-operações

Segundo VAN DIJK (1976), algumas observações restritivas pod  
 dem ser colocadas junto aos princípios de redução de informação formul  
 lados acima.

1ª - Até o momento não se pode provar que as várias operações  
 sejam suficientes para dar conta dos processos de redução de informam  
 ção semântica numa gramática. Ao mesmo tempo, é possível questionar se  
 não seriam essas regras muito poderosas, havendo necessidade de maior  
 res restrições a elas.

2ª - Deveria ser enfatizado que a formação das macro-estrutur  
 ras, embora seja teoricamente baseada numa relação de implicação ("ent  
 tailment"), e, portanto, tendo uma natureza "dedutiva", pode também  
 muitas vezes ter uma natureza "indutiva". Esse procedimento indutivo é  
 normal em todos os tipos de processamento de informação: tiramos concl  
 usões hipotéticas a partir de evidência parcial.

3ª - Redução de informação e, portanto, formação de macro-estruturas pode ser diferente para vários tipos de discurso. É possível que os vários tipos de discurso tenham suas próprias restrições na aplicação dos princípios.

4ª - Os princípios são teóricos. Eles não indicam como falantes individuais irão de fato construir macro-estruturas a partir de um dado discurso. Devido a vários fatores cognitivos é possível que as macro-estruturas de fato construídas sejam diferentes para diferentes falantes, ou diferentes para o mesmo falante em diferentes contextos pragmáticos, ou diferentes situações sociais.

#### 2.1.5.3. Coesão e coerência do discurso

Com relação à coesão e coerência do discurso ("connection" e "coherence"), VAN DIJK (1976) afirma que identidade referencial (tanto de objetivos e indivíduos, como de propriedades), ou identidade ou outras relações entre mundos, não são suficientes para estabelecer coesão. E apresenta uma seqüência que, embora contenha relações semânticas entre suas proposições, é inaceitável na maioria dos contextos:

" /28/ I bought this typewriter in New York. New York is a large city in the USA. Large cities often have serious financial problems ..."

O autor afirma que seqüências desse tipo podem, talvez, ter coerência linear, mas que, a outro nível de compreensão, não fazem sentido porque não possuem um tópico de discurso específico.

A seguir, o autor levanta evidências linguísticas para a sua hipótese de que, ao nível semântico, a coerência do discurso é determinada também por macro-estruturas.

1ª) Sentenças tópicas específicas - As macro-estruturas são algumas vezes diretamente expressas por sentenças tópicas. Tais sentenças não podem ser conectadas a sentenças vizinhas e nem ser integradas ("em

bedad") nelas.

- 2ª) Uso de conectivos entre macro-proposições - Se as macro-estruturas de uma passagem devem ser construídas como proposições, devemos esperar que essas proposições sejam conectadas. Tais macro-conexões podem ser expressas por conectivos naturais.
- 3ª) Artigos definidos sem antecedentes co-referenciais explícitos - Podem ser usados demonstrativos e pronomes ("pro-forms") para denotar fatos referidos anteriormente por uma proposição macro-estrutural. Esses demonstrativos e "pro-forms" podem ser usados também mesmo quando nenhum referente pode ser estabelecido sem uma macro-estrutura, quando não há nenhuma palavra, proposição ou sentença na passagem anterior, aos quais o demonstrativo ou a "pro-form" possam ser co-referenciais.
- 4ª) Pressuposições macro-estruturais de sentenças - Além dos co-referenciais podemos também ter pressuposições que somente estão presentes no texto macro-estruturalmente.
- 5ª) "Pro-forms" para macro-proposições e para predicados de tais proposições - Há também evidência lexical para a existência das macro-estruturas: não somente macro-proposições completas podem ser expressas no discurso, mas também partes de macro-proposições, ou seja, predicados macro-estruturais. Deverá sempre haver uma ligação indireta entre a proposição macro-estrutural e os conceitos do quadro a que a proposição pertence. As macro-estruturas determinam para um discurso ou para parte dele o âmbito ("range") de conceitos possíveis de serem usados e desse modo são uma restrição global na inserção lexical.
- 6ª) Restrições gerais sobre a estrutura conceptual e sobre os operadores de modo/modalidade de passagens do discurso - Deve haver uma identidade de tempo, lugar (modalidade) determinada macro-estruturalmente. Os operadores modais devem pertencer à seqüência como um todo, e não precisam sempre ser expressos em cada sentença da seqüência. Além dos operadores modais, também temos predicados espe-

cíficos (nomes, verbos) determinando o mundo possível no qual uma seqüência total deve ser interpretada.

Além desses tipos de evidência sintático-semântica há vários tipos de indicações morfo-fonológicas e gráficas da organização macro estrutural do discurso.

- 1ª) Na escrita, há regras para disposição gráfica do parágrafo ("paragraph indentation") que tem uma natureza macro-estrutural: essas regras marcam seqüências que de alguma maneira formam uma unidade ("belong together"), isto é, que pertencem ao mesmo tópico. Um novo parágrafo, assim, indica mudança de (sub)tópico.
- 2ª) Na língua oral, há pausa, entonação e partículas específicas como "agora" ("now") e "bem" ("well") que indicam tais parágrafos.

#### 2.1.5.4. Tipologia do discurso

Em princípio, as macro-estruturas discutidas em VAN DIJK - (1976) caracterizam qualquer discurso da linguagem natural. São tomadas na teoria como propriedades gerais de estruturas semânticas complexas e como princípios de redução de informação semântica.

Contudo, as macro-estruturas podem estar sujeitas a certas regras e restrições variando para diferentes tipos de discurso. Por exemplo, uma proposição macro-estrutural pode ser atribuída a uma certa categoria que represente uma função específica no discurso. E, o tipo de categoria e as regras que determinam a organização global ("overall organization") de um discurso identificam também o tipo de discurso envolvido. As categorias envolvidas não são somente estruturais (sintáticas) - determinando a ordenação linear e hierárquica das macro-estruturas de um discurso - mas são também conceptuais (semânticas): elas estipulam sobre o que é o discurso (ação de heróis, política mundial, o tempo ou certos produtos). Os discursos argumentativos têm categorias globais como premissas e conclusão, possivelmente com subcategorias adicionais como justificação ou condição.

### 2.1.6. Parágrafos

VAN DIJK (1976: 152) relaciona a disposição gráfica de pará grafo ("paragraph indentation") como uma indicação da organização ma cro-estrutural do parágrafo:

"... in writing, we have rules for paragraph indentation which have a macro-structural nature: they mark sequences which somehow 'belong together', ie which belong to the same topic."

Na linguagem oral, o parágrafo é indicado morfo-fonológica-mente:

"In spoken we have pauses, intonation and specific par ticles like 'now', 'well' etc. to indicate such paragraphs."  
(p. 153)

LONGACRE (1980) define uma tipologia do parágrafo de acordo com as relações que mantêm entre si seus constituintes: sentenças e ou tros parágrafos encaixados ("embeddad"). Essas relações determinam se te tipos de parágrafos:

- 1) Parágrafos simples (com uma única sentença em seu núcleo)
- 2) Parágrafos coordenados e alternativos
- 3) Parágrafos antitéticos e de contrastes
- 4) Parágrafos que englobam ("encode") relações lógicas:
  - condicionais
  - de resultado e de razão
  - de indução e atestamento ("attestation")
- 6) Parágrafos de estilo ("embellishment")
  - ampliação e paráfrase
  - identificação
  - ilustração e exemplificação
  - comentário

## 7) Parágrafos de interação

- "quotation"
- diálogos

Para LONGACRE, os tipos de parágrafos devem ser relacionados com sua função no discurso. Sua tipologia não mostra, porém, a funcionalidade das sentenças dentro do parágrafo.

Essa tipologia revela uma visão do discurso enquanto estrutura composta de constituintes imediatos: uma posição teórica que não coincide com a posição tomada neste trabalho, que é a de VAN DIJK (1976: 143):

"The basic idea is that the meaning of a sequence is not merely the 'sum' of the propositions underlying the sequence, but that, at another level, we should speak of the meaning of the sequence as a whole, hierarchically ordering the respective meanings of its sentences."

### 2.1.7. Conectivos

CÂMARA JR. (1970: 116) define conectivos como morfemas relacionais que englobam as categorias gramaticais das preposições, pronomes (relativos) e conjunções.

HALLIDAY e HASAN (1976: 230 e ss) relacionam como expressões conjuntivas (conectivos): conjunções, locuções preposicionais, advérbios e locuções adverbiais.

Para HALLIDAY e HASAN (1976: 238 e ss) há quatro tipos principais de relações que podem se estabelecer entre sentenças através de expressões conjuntivas: relação aditiva, adversativa, causal e temporal.

Para os quatro tipos deve ser feita uma distinção entre relações que se estabelecem entre fenômenos externos à situação de comunicação (eventos) e relações que se estabelecem entre fenômenos internos à situação de comunicação (na organização discursiva).

VAN DIJK (1976), em relação às duas colocações acima, amplia bastante o âmbito das categorias gramaticais que podem funcionar como conectivos: conjunções (coordenativas e subordinativas), advérbios sentenciais (podem ser formados por proposições nominalizadas, precedidas de preposições), interjeições e partículas (desenvolvidas da categoria dos advérbios), entonação ou frases como "você sabe" ("you know"), "né" ("isn't it"), predicados de várias categorias: substantivos, verbos, adjetivos, locuções ("full phrases") e orações.

Será essa noção ampla de conectivo que será utilizada aqui.

É interessante apontar ainda, em PÉCHEUX (1969: 41) a definiçãõ do sinal gráfico ponto (.) como um operador polivalente entre duas frases (sentenças, como está sendo usado aqui).

Para o presente trabalho, no entanto, os sinais gráficos de pontuação, nos textos escritos, e as pausas, nos textos orais, serão considerados como ausência de conectivo.

#### 2.1.8. Rede semântica

Para este trabalho, será considerada uma noção simples, lexical, de rede semântica. O objetivo aqui é apresentar a rede semântica como uma evidência a mais para a segmentação dos textos do corpus em macro-estruturas.

SCRAGG (1976: 103) define rede semântica assim:

"In its simplest form, a semantic net is a collection of points, called nodes; each can be thought of as representing a concept... Each node may have a name, such as 'boy' or 'gift'. Nodes without names generally will correspond to concepts that are not representable by simple English names, ... A node may be connected by a directed arc..., called a relation, to any other node in the net. This relation will have a label."

A definição acima parece suficiente para os objetivos deste trabalho. De certa forma ela corresponde à noção de campo semântico ("champ sémantique") de PÊCHEUX (1969: 12):

"... le concept de 'champ sémantique' ... vise les contraintes entre les éléments morphématiques, leurs rapports in praesentia et in absentia dans une aire de signification donnée."

### 2.1.9. Funções da linguagem

A função fática, que é referida neste trabalho, é uma das seis funções que JAKOBSON (1976: 129) estabelece para a comunicação verbal: emotiva, conativa, referencial, poética, fática e metalingüística.

A função fática é centrada no contato falante-ouvinte. As fórmulas lingüísticas com essa função servem para "prolongar ou interromper a comunicação, para verificar se o canal funciona..., para atrair a atenção do interlocutor ou confirmar sua atenção continuada ..." (p. 126).

### 2.1.10. Enunciados performativos e constativos

Para o tratamento de alguns conectivos e introdutores recorrentes no corpus desta pesquisa, é necessário distinguir entre enunciados performativos e constativos conforme AUSTIN (1970).

Um enunciado constativo descreve acontecimentos. Um enunciado performativo realiza-se em duas circunstâncias: a) quando o emissor descreve uma ação que está realizando; b) quando a enunciação é o mesmo que cumprir a ação enunciada.

"Eu acho que", recorrente no corpus, seria, portanto, um enunciado performativo. Um exemplo de enunciado performativo que se realiza na segunda circunstância seria: "Eu prometo" (enunciados desse tipo não ocorrem no corpus).

A introdução na revisão da bibliografia de uma menção à teoria dos atos de fala, assim como a definição acima de uma função da linguagem centrada no contato falante-ouvinte (fática) e, portanto, centrada na situação da comunicação, revelam a necessidade de explicar o pragmático que se revelou na análise dos dados da pesquisa.

### 2.1.11. Uma crítica às gramáticas de texto

DASCAL e MARGALIT (1974) fazem uma crítica às gramáticas de texto enquanto alternativas para as gramáticas de sentenças ("text-grammars versus sentence-grammars"). A crítica incide especialmente sobre VAN DIJK (1972): "Some Aspects of Text-Grammars".

Um dos objetivos de uma gramática de texto seria o estabelecimento de novos e mais precisos fundamentos para a teoria da literatura. Para DASCAL e MARGALIT essa motivação "externa" para a escolha de uma gramática de textos em detrimento de uma gramática de sentenças tem menos peso do que a motivação interna, que concerne à adequação linguística das gramáticas.

DASCAL e MARGALIT examinaram três argumentos de VAN DIJK (1972) em favor de uma gramática de textos com relação à gramática de sentenças (gerativo-transformacional):

1) O objeto próprio da linguística seria o discurso (texto) e não as sentenças.

2) Gramáticas de sentenças seriam incapazes de explicar certos fenômenos gramaticais como pronominalização e definitização, que poderiam somente ser explicados por uma gramática que postulasse serem textos suas unidades básicas.

3) Trechos de discursos ("pieces of discourses") "bem-formados" devem ser "coerentes" em algum sentido e seríamos capazes de expressar essa estrutura coerente em sumários, resumos etc. Essa intuição seria interpretada por DASCAL e MARGALIT como uma sugestão de que um "plano" ou uma "estrutura coerente" estaria subjacente a cada tre

cho de discurso, assim como as sentenças profundas teriam "estruturas profundas" subjacentes.

Com relação ao primeiro argumento de VAN DIJK (1972) a favor de uma gramática de textos, DASCAL e MARGALIT apresentam uma objeção metodológica.

Depois de citar VAN DIJK - "discourses are teh only justifiable 'natural domain' of an empirically adequate theory of language (p. 7)" - (p. 197), DASCAL e MARGALIT argumentam no sentido de prover que a partir do fato de que certos fenômenos ("data") constituem o do m<sup>o</sup> natural de observação de uma certa teoria, não se segue a "naturalidade" das entidades teóricas "apropriadas" que deveriam ser postuladas na teoria.

Os autores colocam que, segundo NAGEL, uma teoria, no sentido lato, tem dois componentes: um conjunto ininterpretado de postulados teóricos ("statements") (alguma coisa chamada "teoria" no sentido estrito) e regras de correspondência. E colocam também que VAN DIJK (1972) postula que as gramáticas de texto são mais naturais que as gramáticas de sentenças devido à suposição de que as regras de correspondência a partir de textos (como entidades linguísticas abstratas) para discursos (como unidades observacionais naturais) são mais diretas - ("straightforward") do que as regras de correspondência de uma teoria na qual as entidades de nível alto sejam sentenças.

A partir dessas colocações, DASCAL e MARGALIT consideram que uma teoria que seja mais natural no sentido de VAN DIJK, porque tem regras de correspondência mais simples, pagará por esta característica um alto preço em termos de complexidade na sua parte puramente teórica. Essa complexidade dificultaria a possibilidade de formalização da gramática, que é, segundo os autores, uma "conditio sine qua non" para qualquer teoria linguística séria.

Quanto ao argumento gramatical de VAN DIJK em favor das gramáticas de texto, DASCAL e MARGALIT (1974: 199) citam o próprio VAN DIJK: "one of the basic properties of natural language is not only the

possibility of constructing complex sentences by recursive embedding or coordinating other sentences (sentoids), but also the possibility of producing sequences of syntactically independent sentences possessing certain relations between each other (p. 39)". E consideram que VAN DIJK não produziu nenhuma evidência para comprovar a suposição ("supporting the claim") de que a descrição das relações entre sentenças independentes não é equivalente à descrição das condições de construção de sentenças complexas através de subordinação ("embedding") ou coordenação a outras sentenças, recursivamente.

Por outro lado, os autores reconhecem que a gramática de sentenças ainda não é suficiente para dar conta da geração de textos e que a discussão com os gramáticos que postulam uma gramática de textos pode ser benéfica no sentido de completar e estender a gramática de sentenças. O que eles não aceitam é que VAN DIJK considere as gramáticas de sentenças em princípio inadequadas para dar conta de relações entre seqüências de sentenças.

Após examinar o tratamento de VAN DIJK (1972) para a pronominalização e para a definitização, que, segundo o mesmo VAN DIJK, são exemplos de fatos gramaticais que somente podem ser considerados ao nível da estrutura superficial do texto, porque envolvem relações entre sentenças que forma uma seqüência, e após examinar o seu tratamento para a pressuposição, DASCAL e MARGALIT concluem que os argumentos gramaticais de VAN DIJK não são suficientes para provar que deva existir uma gramática de textos em detrimento de uma gramática de sentenças.

O terceiro argumento de VAN DIJK (1972) a favor de uma gramática de textos diz respeito a nossas intuições sobre a macro-coerência dos textos como estão refletidas no fato de que nós normalmente processamos textos através de discernir neles "plots".

Para DASCAL e MARGALIT esse seria o único argumento válido a favor das gramáticas de texto, embora considerem que as intuições das quais ele depende sejam bem vagas e que por isso possam ser comparadas às nossas intuições sobre a aceitabilidade das sentenças.

### 2.1.12. O modelo de análise empregado nesta pesquisa

Mesmo considerando relevantes os argumentos de DASCAL e MARGALIT a favor da gramática de sentenças e contra o radicalismo de VAN DIJK (1972), optou-se neste trabalho por utilizar uma gramática de textos como embasamento teórico do tratamento dos dados do corpus. Essa opção se deve ao fato de que: -

- 1ª) pretendeu-se aqui observar textos e, até o presente momento, decorridos sete anos da crítica de DASCAL e MARGALIT, a gramática gerativo-transformacional ainda não desenvolveu um aparato teórico que dê conta dos textos em sua totalidade;
- 2ª) o foco deste trabalho não incide sobre a formalização dos processos de produção de textos, mas sim sobre um método de análise desses textos enquanto organizações semânticas;
- 3ª) pretendeu-se encontrar uma teoria que se aproximasse de nossas próprias intuições a respeito da organização semântica dos textos.

Foi escolhido para análise dos textos que compõem o corpus desta pesquisa basicamente o modelo de VAN DIJK (1976), com algumas alterações que se fizeram necessárias para os objetivos aqui propostos.

Foi escolhida aqui a noção de macro-estrutura como unidade de composição e organização semântica dos textos. As alterações que se fizeram necessárias foram: -

#### 1ª - Formalização

VAN DIJK (1976) considera que seu objetivo não é elaborar a base formal de uma gramática, mas fazer observações sistemáticas de fenômenos lingüísticos de uma maneira mais intuitiva e semi-formal. Contudo, estabelece para a maior parte de seu trabalho, principalmente para a primeira parte (semântica) uma linguagem formal para descrever os fenômenos lingüísticos que observa.

Este trabalho elimina a preocupação de formalização por considerar que uma linguagem intuitiva e informal já seja suficiente para dar conta do aspecto lingüístico que pretende observar.

### 2ª - Semântica/pragmática

VAN DIJK (1976) estende a noção de macro-estrutura a partir do conceito sintático de seqüência de sentenças, para o conceito semântico de seqüência de proposições dominadas por um tópico discursivo até ao conceito pragmático de uma seqüência de proposições dominada por um tópico de atividade, recobrando um ato de fala.

Inicialmente optou-se neste trabalho por restringir o tratamento do corpus ao nível estritamente semântico. E essa opção foi mantida durante o trabalho de análise. Nas conclusões, porém, o elemento pragmático se impôs e não foi possível deixar de considerá-lo.

### 3ª - O nível de organização macro-estrutural considerado

De acordo com a teoria de VAN DIJK (1976: 137), as macro-operações são operações recursivas que podem ser aplicadas a uma seqüência de proposições para a composição de uma macro-estrutura e, a uma seqüência de macro-estruturas, para a composição de uma macro-estrutura de nível mais alto. E, quando se fala da macro-estrutura de um texto, está-se falando de sua macro-estrutura mais geral:

"... When we speak of THE macro-structure of a sequence we refer to the most general macro-structure, entailed by the other macro-structures, 'dominating' the whole sequence."

Neste trabalho, optou-se por examinar os textos do corpus a partir de suas macro-estruturas de nível imediatamente inferior ao nível mais alto de composição do texto. Essas macro-estruturas dominariam seqüências de sentenças que corresponderiam a parágrafos, conforme foram definidos anteriormente neste capítulo <sup>8</sup>.

### 4ª - Rede semântica

Para a caracterização das seqüências discursivas consideradas neste trabalho, além do tópico discursivo foi considerada também a rede semântica que se estabelece dentro das seqüências. De certa forma a rede semântica é uma evidência a favor da delimitação dessas seqüências. A definição de rede semântica conforme utilizada aqui está colada cada mais acima <sup>9</sup>.

## 2.2. Duas pesquisas sobre redações escolares

Entre os trabalhos publicados pela "Fundação Carlos Chagas" em seu "Cadernos de Pesquisa nº 23" (1977), encontram-se dois que são estreitamente relacionados à presente pesquisa: são os de MAMIZUKA e LEMOS. O primeiro, porque toma como critério de segmentação textual o parágrafo, que se relaciona com as seqüências discursivas consideradas aqui. O segundo, porque levanta hipóteses a respeito de língua oral e língua escrita, que são material de pesquisa deste trabalho.

Esses trabalhos fazem parte de um projeto que examina redações de vestibulandos, na área de biomédicas, em São Paulo, no ano de 1976. Os pesquisadores trabalharam sobre uma amostra de 60 redações.

Cada um dos trabalhos será aqui brevemente referido e suas conclusões podem ser comparadas às conclusões da presente pesquisa, no capítulo 5.

### 1º - "Redações no vestibular: estudo do parágrafo, problemas de organização"

MAMIZUKA toma o parágrafo como "unidade funcional" e como um "instaureador de progressão de uma unidade discursiva a outra" (p. 37). Essa progressão pode ser interna: entre os períodos que o compõem; e externa: de um parágrafo a outro na constituição do texto.

Para a autora, essa visão de parágrafo choca-se com a da gramática tradicional que define o parágrafo como uma unidade de significação completa, à medida em que a definição "imobiliza" o parágrafo, não dando conta de sua relação com os demais na composição do texto.

A partir de uma conceituação de parágrafo enquanto "progressão", MAMIZUKA examina as 60 redações do corpus e conclui que os parágrafos estabelecidos nelas acabam por identificar-se com o período (ambos se definem como unidades de significação completa na gramática tradicional), não atingindo, em sua maioria, a exigência de "progressão"

no texto. Pelo contrário, cada parágrafo, da maioria dos que aparecem nas redações, é uma glosa do tema, sofrendo essas redações um processo de circularidade em sua composição.

2º - "Redações no vestibular: algumas estratégias"

LEMOS trabalha com três níveis de segmentação de texto:

- nível A - o das relações entre sentenças;
- nível B - o das relações entre períodos;
- nível C - o das relações entre parágrafos.

Examina os desvios encontrados entre esses níveis de análise quanto à adequação semântica (nonsense, circularidade) e sintática (colocação da sentença no período e do período no parágrafo) das relações e quanto à adequação do uso de conectivos.

Para explicar esses "desvios" coloca duas hipóteses explicativas: -

1ª) As estratégias utilizadas pelos estudantes para a elaboração do texto oral

"seriam ... representativas da mera transferência ou aplicação das regras de uso, subjacentes à sua produção oral, à produção escrita." (p. 62)

2ª) "A segunda hipótese seria a de que a instrução ou treinamento que o vestibulando possa ter recebido atuam no sentido de impedir ou bloquear a adaptação 'natural' dos recursos sintáticos de que ele dispõe, e que utiliza na modalidade oral, ao discurso reflexivo escrito." (p. 62)

LEMOS conclui que os resultados da análise para os três níveis não favorecem à primeira hipótese colocada, mas sim à segunda.

NOTAS

- 1 - O artigo de PRETTI referido aqui consta da bibliografia deste trabalho.
- 2 - Essa definição de dissertação encontra-se no Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos, vol. II - S. Paulo - Cia. Melhoramentos, 1971 (7ª edição).
- 3 - Ver definição de macro-estrutura à p. 16.
- 4 - Ver p. 25.
- 5 - Ver p. 27.
- 6 - Conforme noção de rede semântica à p. 28.
- 7 - Para a noção de introdutores e conectivos ver p. 48 e para a noção de finalizadores ver p. 68.
- 8 - Conforme noção de parágrafo às pp. 26 e 27.
- 9 - Ver Nota 6.



### 3. Metodologia

#### 3.1. A pesquisa

Foram feitas 70 gravações de textos orais e foram colhidos 70 textos escritos de alunos de 3ª série do Segundo Grau da E.E.P.S.G. "Sud Menucci", de Piracicaba, Estado de São Paulo.

O total de horas de gravação para os 70 sujeitos é de 3:04'19", numa média de 2'38" por sujeito.

Tanto os textos orais como os textos escritos versaram sobre o mesmo tema: "poluição".

A coleta de material foi feita em março/abril de 1980, nas dependências da escola, por mim mesma.

##### 3.1.1. A escolha do tema e do tipo de material a ser obtido

A escolha do tema "poluição" prendeu-se à sua natureza objetiva, isto é, um tema que, por hipótese, não iria solicitar envolvimento emocional por parte dos sujeitos da pesquisa. Pretendia-se conseguir dos sujeitos textos dissertativos, com o menor uso possível de 1ª pessoa e de estruturas narrativas, o que não seria conseguido com um tema subjetivo do tipo, por exemplo, dos que envolvem sexo, relações familiares, política, economia, religião. É certo que o tema "poluição" pode ser abordado sob o ponto de vista econômico, político, ou de qualquer que se queira e, portanto, pode provocar tanto envolvimento emocional quanto qualquer outro. No entanto, levou-se em consideração a hipótese de que os sujeitos da pesquisa não alcançariam outro envolvimento do tema que não fosse o puramente ecológico.

Tanto para os textos escritos como para os textos orais foi utilizado o mesmo tema, em razão da própria natureza do trabalho. A variação do tema provocaria uma variação específica no processo de produção do texto<sup>1</sup> gerando, conseqüentemente, estruturas dissertativas di

ferentes, o que prejudicaria o trabalho de análise.

### 3.1.2. Os sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa foram retirados de três turmas da 3ª série do Segundo Grau da E.E.P.S.G. "Sud Menucci". Da turma diurna (3ª série A) foram retirados 35 alunos e das turmas noturnas (3ªs. séries B e C) foram retirados 24 e 11 alunos, respectivamente. Os sujeitos apresentaram-se para a pesquisa voluntariamente.

QUADRO DEMONSTRATIVO da distribuição dos sujeitos por turma, sexo e idade.

|              |        | Turma |      |    | Total | (% )  |
|--------------|--------|-------|------|----|-------|-------|
|              |        | A     | B    | C  |       |       |
| número:      |        | 35    | 24   | 11 | 70    | 100,0 |
| <u>Sexo</u>  | M      | 15    | 10   | 05 | 30    | 42,0  |
|              | F      | 20    | 14   | 06 | 40    | 57,2  |
| <u>Idade</u> | 16 a.  | 04    | -    | 02 | 06    | 08,5  |
|              | 17 a.  | 26    | 05   | 02 | 33    | 47,5  |
|              | 18 a.  | 04    | 10   | 03 | 17    | 24,2  |
|              | 19 a.  | -     | 03   | 02 | 05    | 07,1  |
|              | 20 a.  | 01    | 03   | 01 | 05    | 07,1  |
|              | 21 a.  | -     | -    | 01 | 01    | 01,4  |
|              | outras | -     | 03 * | -  | 03    | 04,2  |

(\*) 22, 24 e 28 anos.

As variações de idade, de sexo e de período de frequência às aulas não são relevantes para os objetivos deste trabalho. Contudo, o Quadro acima mostra que há um equilíbrio numérico entre os dois sexos e entre as turmas diurna e noturna.

### 3.1.3. A cidade de Piracicaba

A E.E.P.S.G. "Sud Menucci" está localizada na zona central da cidade de Piracicaba, Estado de São Paulo. O Município de Piracicaba conta atualmente com 250 mil habitantes, com atividades agrícolas, industriais e comerciais ligadas ao plantio e à industrialização da cana-de-açúcar e à produção e comercialização de equipamentos agrícolas e equipamentos para usinas de açúcar e álcool.

### 3.1.4. A coleta de dados

Para cada grupo, os textos orais foram coletados sempre antes dos textos escritos. Isso porque se pretendeu que a produção do texto oral fosse espontânea e autêntica e não recebesse influência de estruturas de texto escrito. Para evitar que os textos orais fossem refletidos e "postos no papel" antes de sua gravação, foi pedido sigilo sobre o tema a cada sujeito que se dirigia à gravação. Esse sigilo só foi conseguido porém, com parte da turma A. Surgiu então a expectativa de que as estruturas dissertativas orais ficassem menos "espontâneas", mais refletidas, devido ao conhecimento prévio do tema.

Para a parte da turma A que tomou conhecimento do tema no meio do trabalho de gravação, e para as turmas B e C, foi pedido que de maneira nenhuma os sujeitos procurassem fazer o esquema escrito sobre o que pretendiam falar, uma vez que estudantes das três turmas fizeram tal sugestão.

As gravações foram tomadas individualmente, com os interlocutores (entrevistado e entrevistador) isolados e sem interrupção, na quase totalidade do trabalho.

Os textos escritos foram coletados em sala de aula, onde se encontravam somente os sujeitos e o aplicador da pesquisa. Após a redação dos textos, os sujeitos respondiam a um questionário <sup>2</sup>, fornecendo informações pessoais.

Tanto os textos orais como os textos escritos foram coletados por mim.

### 3.1.5. O estilo dos textos

A intenção da pesquisa foi obter textos orais e escritos em estilo formal<sup>3</sup> e, durante a coleta do material, todos os esforços foram dirigidos nesse sentido.

#### 3.1.5.1. A atitude do pesquisador

Na tomada dos textos orais a pesquisadora apresentou-se sempre afável e sorridente mas distante, falando o mínimo possível.

Na ocasião da coleta do material escrito, as relações entre a pesquisadora e sujeitos da pesquisa já havia perdido um pouco de seu grau de formalidade anterior. Ela, então, lançou mão de uma atitude autoritária: sugeriu que a prova de redação deveria ser feita como uma preparação para o exame vestibular: pediu e políciu o silêncio e a não-comunicação entre os sujeitos da pesquisa.

#### 3.1.5.2. O local da coleta dos dados

Na coleta dos textos orais o entrevistado era colocado diante da pesquisadora, numa sala vazia de pessoas, a portas fechadas, e tinha que segurar o microfone em suas mãos. Somente o gravador foi colocado em segundo plano porque a pesquisadora percebeu que ao ser colocado diante do entrevistado, causava um embaraço extremo, inibindo-o de maneira desfavorável.

Os textos escritos foram produzidos em sala de aula, somente com a presença da pesquisadora e dos entrevistados.

### 3.1.5.3. O status social da pesquisa

Para rapazes e moças que estão às vésperas do exame vestibular, uma pesquisa ligada à UNICAMP tem muito prestígio. A Universidade Estadual é a ambição maior de todos aqueles que se preparam para o vestibular, na região de Campinas. O prestígio da instituição pôde ser observado em larga escala pelo interesse que este trabalho suscitou e que se manifestou através de muitas perguntas. A pesquisadora tomou partido do prestígio da instituição para conseguir uma atitude "séria e formal dos sujeitos em relação à pesquisa.

O objetivo deste trabalho não é dar conta de variações sociolinguísticas de estilo no corpus. No entanto, os cuidados para que houvesse homogeneidade relativa de estilo para todos os textos, tanto orais como escritos, não foram negligenciados. Isso porque variações acentuadas de estilo e de atitude por parte dos sujeitos da pesquisa alteraria as condições de produção de corpus<sup>4</sup>, provocando a produção de estruturas discursivas heterogêneas e, sendo assim, não seria possível obterem-se conclusões coerentes a partir da análise dos dados.

## 3.2. Sistematização dos dados

Tanto os textos orais como os textos escritos do corpus sofreram o mesmo processo de segmentação. Foram encontradas as maiores seqüências discursivas que implicam as macro-estruturas mais gerais na organização do texto como um todo semântico. O modelo empregado nesta pesquisa está referido e comentado às pp. 33 e 34 deste trabalho.

### 3.2.1. Segmentação dos textos orais

Os textos orais foram transcritos e datilografados sem pontuação. Numa etapa posterior do trabalho foram marcados nesses textos as

pausas através de barras.

A pausa foi considerada porque é um elemento linguístico relevante entre as unidades discursivas consideradas na análise, acompanhando ou não elemento lexical conectivo.

Não foi considerada a duração da pausa porque esse dado é irrelevante para os objetivos desta pesquisa.

Como já foi colocado anteriormente, pretendeu-se aqui observar os elementos linguísticos conectivos que ocorrem entre seqüências discursivas em um determinado nível de análise. É certo que entre essas seqüências sempre ocorre pausa, mas essa pausa não tem necessariamente que ser mais ou menos longa de acordo com o lugar no discurso em que é empregada. Há pausas longas no interior de uma seqüência considerada, assim como há pausas curtas entre duas seqüências consideradas.

As pausas, paralelamente à sua função de ligação entre unidades discursivas, podem funcionar como marcas de hesitação. O falante parece procurar ler no rosto do ouvinte indicações sobre o que deve dizer. Quando volta a falar, ou as idéias novas surgem realmente, ou aparecem reiterações das anteriores, mais ou menos detalhadas.

Após a transcrição e a marcação das pausas, os textos orais foram segmentados em grandes unidades discursivas, foram estabelecidas as macro-estruturas dessas unidades (micro-estruturas) e foi detectada a sua rede semântica <sup>5</sup>.

### 3.2.2. Segmentação dos textos escritos

Os textos escritos foram transcritos por dátilografia, respeitando-se a pontuação e a ortografia originais.

Após a transcrição, os textos foram segmentados em grandes unidades discursivas, foram estabelecidas as macro-estruturas dessas unidades (micro-estrutura) e foi detectada a sua rede semântica.

### 3.2.3. Levantamento de conectivos

Após a segmentação dos textos orais e escritos, após a identificação das macro-estruturas das seqüências consideradas e após o estabelecimento das redes semânticas dessas seqüências, foi feito o levantamento dos elementos conectivos que ocorrem efetivamente entre as seqüências. Foi feito também o levantamento dos introdutores e dos finalizadores que ocorrem nas unidades consideradas. No próximo capítulo serão caracterizados esses elementos, conforme aparecem nos textos do corpus.

NOTAS

- 1 - Para a noção de variação no processo de produção do discurso ver pp. 8 e 9.
- 2 - Ver o modelo do questionário à p. 81.
- 3 - Para a caracterização do estilo formal ver p. 7.
- 4 - Ver Nota 1.
- 5 - Ver Quadros de segmentação no Apêndice deste trabalho à p. III e ss.

4. Análise

#### 4. Análise

Os textos orais e escritos que compõem o corpus desta pesquisa foram segmentados em quadros <sup>1</sup> dominados por macro-estruturas de nível imediatamente inferior ao da macro-estrutura que domina o texto todo <sup>2</sup>.

Essas unidades discursivas, quadros, se encadeiam nos textos através de determinados conectivos linguísticos <sup>3</sup>.

Este trabalho faz o levantamento dos conectivos que efetivamente são utilizados nos textos e compara a tipologia e frequência desses conectivos para as modalidades de língua oral e escrita.

Foram contados 250 quadros nos textos orais, numa média de 3,5 quadros por informante. Nos textos escritos foram contados 277 quadros, numa média de 3,9 quadros por informante.

##### 4.1. Introdutores e conectivos

Os elementos lexicais que iniciam os textos orais e escritos não foram classificados como conectivos. Isso se deu pela natureza funcional desses elementos. Na realidade, eles não "conectam" uma seqüência do texto, ou mesmo o texto em sua totalidade, a uma seqüência discursiva anterior, mas, "introduzem o texto num determinado contexto linguístico: no caso, a situação de entrevista.

A cada seqüência discursiva considerada, eliminando-se as iniciais, pelas razões expostas acima, corresponde um conectivo, que a inicia.

##### 4.1.1. Conectivos em textos orais

Eliminando-se os quadros iniciais de textos, foram contados 180 quadros nos textos orais.

Nos textos orais todos os conectivos são precedidos de pausa.

Dos 180 conectivos considerados, foram obtidos os seguintes resultados quantitativos:

QUADRO DEMONSTRATIVO da frequência de conectivos em textos orais.

| <u>Tipo</u>    | <u>Frequência</u> | <u>(%)</u>  |
|----------------|-------------------|-------------|
| / _____        | 43                | 23,8        |
| / e            | 33                | 18,3        |
| / eu acho que  | 29                | 16,1        |
| / então        | 13                | 7,2         |
| / _____ também | 12                | 06,6        |
| / agora        | 11                | 06,1        |
| / mas          | 08                | 04,4        |
| / bom          | 08                | 04,4        |
| / que nem      | 06                | 03,3        |
| / (vários)     | <u>17</u>         | <u>09,4</u> |
| - Total .....  | 180               | 99,6        |

Observações: -

1ª) / \_\_\_\_\_: indica ausência de conectivo.

2ª) / e \_\_\_\_\_: pode ser atualizado com [e] ou [i].

3ª) / eu acho que \_\_\_\_\_: pode sofrer variações sintáticas: -

/ eu acho \_\_\_\_\_;

/ acho que \_\_\_\_\_.

4ª) / então \_\_\_\_\_: pode sofrer variações fonológicas: -

/ ntão;

/ tão.

5ª) / \_\_\_\_\_ também \_\_\_\_\_: há somente uma ocorrência de / também \_\_\_\_\_;

pode ser atualizado como: / também \_\_\_\_\_.

6ª) / agora \_\_\_\_\_: pode sofrer variação fonológica: / gora \_\_\_\_\_.

7ª) / mas \_\_\_\_\_: é sempre atualizado como [mais].

- 8ª) / bom \_\_\_\_\_: sofre variação fonológica: /bão \_\_\_\_\_.
- 9ª) todos os conectivos podem ser imediatamente seguidos de pausa.
- 10ª) ocorrem frequentemente combinações entre conectivos <sup>4</sup>.
- 11ª) / (vários): inclui outros tipos de conectivos com frequências iguais ou inferiores a 3 <sup>5</sup>.

#### 4.1.2. Conectivos em textos escritos

Eliminando-se os quadros iniciais de textos, foram contados 207 quadros nos textos escritos.

Serão considerados separadamente os conectivos que ocorrem:

- a) no início de parágrafo gráfico;
- b) no interior de parágrafo gráfico, precedidos de:
  - (.) ponto;
  - (,) vírgula.

O critério de disposição gráfica no exame dos quadros é relevante quando se considera que 87,4 % desses quadros são iniciados pela disposição gráfica de parágrafo. E, se forem considerados todos os quadros dos textos escritos, incluindo-se os iniciais, essa porcentagem cresce para 90,6 %.

Dos 207 conectivos considerados foram obtidos os seguintes resultados quantitativos, dispostos em quadros demonstrativos: -

QUADRO DEMONSTRATIVO da frequência de conectivos em textos escritos sem considerar a disposição gráfica.

| <u>Tipo</u>        | <u>Frequência</u> | <u>(%)</u> |
|--------------------|-------------------|------------|
|                    | 175               | 84,4       |
| mas _____          | 05                | 2,4        |
| eu acho que _____  | 04                | 1,8        |
| eu sei que _____   | 04                | 1,8        |
| _____ também _____ | 04                | 1,8        |
| e _____            | 03                | 1,4        |
| mas afinal _____   | 01                | 0,4        |
| (vários) _____     | <u>11</u>         | <u>5,3</u> |
| - Total .....      | 207               | 99,3       |

Observações: -

- 1ª) \_\_\_\_\_: indica ausência de conectivo.
- 2ª) eu sei que \_\_\_\_\_: resume ocorrências diversas com o verbo saber <sup>6</sup>.
- 3ª) \_\_\_\_\_ também \_\_\_\_\_: nunca ocorre em posição inicial de quadro.
- 4ª) (vários) \_\_\_\_\_: inclui outros conectivos com frequências iguais ou inferiores a 2 <sup>7</sup>.

QUADRO DEMONSTRATIVO da frequência de conectivos em textos escritos considerando-se a disposição gráfica.

| Tipo          |     | Frequência | (%)  |
|---------------|-----|------------|------|
| § _____       | 155 | 181        | 87,4 |
| § conectivo   | 26  |            |      |
| * _____       | 16  | 19         | 9,1  |
| * conectivo   | 03  |            |      |
| ' _____       | 05  | 07         | 3,3  |
| ' conectivo   | 02  |            |      |
| - Total ..... |     | 207        | 99,8 |

Observações: -

1ª) § \_\_\_\_\_;

\* \_\_\_\_\_;

' \_\_\_\_\_: indicam ausência de conectivo.

2ª) (§), (\*), (,), conectivo: indicam conectivos que iniciam respectivamente quadros:

a) em disposição de parágrafo gráfico;

b) depois de ponto final, no interior de um parágrafo gráfico;

c) depois de vírgula, no interior de um parágrafo gráfico <sup>8</sup>.

## 4.1.3. Introdutores

Serão apresentados a seguir quadros demonstrativos da frequência de introdutores em textos orais e escritos.

QUADRO DEMONSTRATIVO da frequência de introdutores em textos orais.

| <u>Tipo</u>   | <u>Frequência</u> | <u>(%)</u>  |
|---------------|-------------------|-------------|
| bom           | 32                | 45,7        |
| eu acho que   | 11                | 15,7        |
| bem           | 08                | 11,4        |
| _____         | 08                | 11,4        |
| ah            | 04                | 05,7        |
| então         | 03                | 04,2        |
| é             | 02                | 02,8        |
| é/eu falo que | 01                | 01,4        |
| que           | <u>01</u>         | <u>01,4</u> |
| - Total ..... | 70                | 99,7        |

Observações: -

1ª) eu acho que: pode sofrer variação sintática: "acho que" ocorre uma vez em posição não inicial de quadro: -

\_\_\_\_\_ acho que \_\_\_\_\_.

2ª) \_\_\_\_\_: indica ausência de introdutor.

3ª) então: sofre variações fonológicas: -

intão;

tão.

4ª) ocorrem frequentemente combinações entre introdutores <sup>9</sup>.

QUADRO DEMONSTRATIVO da frequência de introdutores em textos escritos.

| Tipo                     | Frequência | (%)  |
|--------------------------|------------|------|
|                          | 66         | 92,8 |
| Bem                      | 04         | 05,7 |
| Para começar eu acho que | 01         | 01,4 |
| - Total .....            | 70         | 99,9 |

Observação: -

\_\_\_\_\_ : indica ausência de introdutor.

#### 4.2. Tipologia dos conectivos

Considerando-se o conjunto dos conectivos que ocorrem nos textos orais e nos textos escritos do corpus obtém-se o seguinte quadro de ocorrências:

QUADRO DEMONSTRATIVO da frequência de conectivos em textos orais e textos escritos.

| Tipo         | Frequência |         |
|--------------|------------|---------|
|              | Oral       | Escrito |
| e            | 33         | 03      |
| eu acho que  | 29         | 04      |
| _____ também | 12         | 04      |
| mas          | 08         | 05      |
| então        | 13         | -       |
| agora        | 11         | -       |
| bom          | 08         | -       |
| que nem      | 06         | -       |
| mas afinal   | -          | 01      |
| eu sei que   | -          | 04      |

HALLIDAY e HASAN (1976) estabelecem uma tipologia de conectivos que ocorrem entre sentenças <sup>10</sup>. Se for possível aplicar essa classificação para os conectivos que ocorrem entre seqüências discursivas maiores, pode-se reagrupar os conectivos dos Quadros acima da seguinte maneira:

a) Conectivos que estabelecem relação aditiva interna:

e;  
também;  
que nem.

b) Conectivo que estabelece relação temporal interna:

então.

c) Conectivo que estabeleça relação adversativa interna:

mas <sup>11</sup>.

A respeito dos demais conectivos (bom, agora, eu acho que, eu sei que) há duas considerações a fazer:

1ª) agora e bom - podem ser tomados como equivalentes a now e well do inglês, respectivamente, que HALLIDAY e HASAN (1976: 267 e ss) classificam como continuativos: itens que não expressam nenhum tipo particular de relação conjuntiva.

2ª) eu acho que e eu sei que - podem ser considerados como locuções performativas <sup>12</sup>.

Considerando-se que a função aditiva e a função temporal no seu aspecto interno (da estruturação discursiva) são muito próximas em relação à função adversativa, é possível ainda reagrupar esses conectivos em dois quadros opostos semanticamente:

a) Conectivos que estabelecem função conjuntiva (a ordenação das seqüências discursivas do texto):

e;  
também;  
que nem;  
então;  
agora;

bom;  
 eu acho que;  
 eu sei que.

b) Conectivo que estabelece função disjuntiva (a "oposição" entre uma seqüência discursiva e uma outra precedente):  
 mas <sup>13</sup>.

Observe-se que ao nível de segmentação de textos considera-se aqui não ocorrem relações causais.

#### 4.2.1. Relação conjuntiva

A relação conjuntiva entre seqüências discursivas, conforme definida acima, pode ser dada pela simples ordenação dessas seqüências <sup>14</sup>, sendo desnecessário o uso de conectivos para estabelecê-la. Desse modo, pode-se levantar a hipótese de que os conectivos conjuntivos acima relacionados, teriam uma função essencialmente fática <sup>15</sup>, isto é, serviriam para manter o contato entre o emissor e o receptor do discurso.

Uma evidência a favor dessa hipótese é a alta freqüência de ausência de conectivos em textos escritos (84,1%), onde a relação direta emissor:receptor do discurso não existe e onde, portanto, a função fática não é privilegiada.

As poucas ocorrências de conectivos nos textos escritos podem ser atribuídas a transferência de recursos da linguagem oral para a linguagem escrita.

#### 4.2.2. Relação disjuntiva

A relação disjuntiva entre seqüências discursivas é pouco freqüente tanto nos textos orais como nos textos escritos. Essa relação é marcada pela ocorrência dos conectivos mas e mas afinal (1 única ocorrência).

#### 4.2.2.1. O conectivo "mas"

Feito o levantamento da tipologia dos conectivos considera dos no corpus, ficou uma pergunta: não teriam também os conectivos dis juntivos uma função fática predominante, a exemplo dos conectivos con juntivos, se for aceita a hipótese acima?

Para responder a essa pergunta foram examinadas todas as ocor rências de mas nos textos, ao nível de análise aqui considerado.

Antes, porém, de serem examinadas as ocorrências de mas nos textos, é interessante apontar as duas funções que VOGT (1980: 104) lembra para a conjunção adversativa mas:

"... as línguas românicas que utilizam um derivado de "magis" como conjunção adversativa principal, atribuem-lhe, na verda de, duas funções diferentes: Uma é a do espanhol "sino" e do alemão "sondern" e nós a simbolizaremos por SN. A outra, que designaremos por PA, é realizada em espanhol por "pero" e em alemão por "aber". O mas SN serve para retificar: vem sempre depois de uma proposição negativa p = não-p', e introduz uma determinação q que substitui a determinação p' negada em p e atribuída a um interlocutor real ou virtual: ele não é inteligente, mas apenas esperto. O mas PA, ao contrário, não exige necessariamente que a proposição precedente, p, seja negativa. Sua função é introduzir uma proposição q que orien ta uma conclusão não-r oposta a uma conclusão r para a qual p poderia conduzir: ele é inteligente, mas PA estuda pouco. É possível, aliás, mostrar que, por exemplo, o "mais" francês (o mesmo poderia ser feito com o português) possui proprieda des sintáticas específicas conforme preencha a função PA ou a função SN (cf. ANSCOMBRE e DUCROT, 1977)."

Para o exame das ocorrências de mas nos textos adotou-se o seguinte procedimento:

1ª) Determinação das macro-estruturas de todas as seqüências em que forem segmentados os textos, anteriores à ocorrência de mas.

2ª) Determinação da função do conectivo mas (função disjuntiva ou fática) para cada ocorrência nos textos, ao nível de análise aqui considerado.

De acordo com esse procedimento, elaboraram-se os Quadros I e II, a seguir, onde constam:

- na primeira coluna, o número da ordenação das seqüências discursivas nos textos e os introdutórios e conectivos que as iniciam; nas ocorrências de mas, aparece também a indicação de sua função: fática ou disjuntiva;

- na segunda coluna consta o conjunto macro-estrutural que resume a seqüência referida na primeira coluna.

Os textos a seguir são apresentados somente até o ponto em que ocorre uma macro-estrutura iniciada por mas.

#### QUADRO I - Textos orais.

O - B - Maria Angélica 16

1 - bem:

poluição é um monstro  
poluição vai sempre existir  
não adianta se apavorar

2 - mas (Disjuntivo PA):

todos sentem que a natureza esteja  
se acabando

A última proposição

"não adianta se apavorar"

da 1ª macro-estrutura direciona a conclusão do receptor do discurso para:

"então todos devem ficar indiferentes".

Contudo, a 2ª macro-estrutura

"todas sentem que a natureza esteja  
se acabando",

nega essa expectativa.

O - B - Vera Lúcia

1 - ah / eu acho assim

que:

poluição é prejudicial

poluição aumenta com o desenvolvi-  
mento industrial

2 - mas (Disjuntivo PA):

poluição sempre vai existir

O conjunto proposicional

- "poluição é prejudicial"

- "poluição aumenta com o desenvol-  
vimento industrial"

cria a expectativa da conclusão:

"então devem-se tomar medidas con-  
tra a poluição".

Essa expectativa, porém, é negada pela 2ª macro-estrutura:

"poluição sempre vai existir".

O - B - Solange

1 - bom:

poluição é problema atual

um grupo de pessoas não achará solu-  
ção para o problema da poluição

2 - \_\_\_\_\_:

exemplo de poluição em Piracicaba

poluição é sujeira

3 - mais (Fático):

a causa da poluição é a industriali-  
zação

## A 3ª macro-estrutura

"a causa da poluição é a industrialização"

é uma colocação a mais na organização discursiva, que não se relaciona adversativamente com nenhuma parte anterior do texto.

---

O - B - Silene

1 - bem: poluição é consequência do progresso  
so

2 - mas / o caso;

assim / eu acho que

(Disjuntivo PA):

a turminha podia cooperar

---

## A 1ª macro-estrutura

"poluição é consequência do progresso"

orienta para a conclusão:

"então, a poluição é inevitável,  
porque o progresso é inevitável".

A 2ª macro-estrutura, porém,

"a turminha podia cooperar"

nega essa expectativa, apresentando uma solução para o problema da poluição: a cooperação.

---

O - B - Telma

1 - bom sei lá:

há vários tipos de poluição: sonora,  
atmosférica

2 - agora \_\_\_\_\_

talém:

não sei as soluções  
quanto maior o desenvolvimento industrial a natureza é prejudicada

- 3 - agora: tem que haver algum aparelho para filtrar a poluição
- 4 - \_\_\_\_\_: a poluição altera a natureza a indústria é necessária
- 5 - mas (Fático): não sei o que se possa fazer pelo rio Piracicaba
- 6 - \_\_\_\_\_: não tenho soluções para a poluição
- 7 - \_\_\_\_\_: tentativa de solução em Piracicaba: multa e fechamento de firmas
- 8 - eu acho que: tudo se relaciona: poluição, petróleo, mau pensamento
- 9 - mas (Fático): não conheço soluções para a poluição  
deve haver uma solução para a poluição
- 10 - é: há muitos produtos químicos na alimentação
- 11 - mas (Disjuntivo SN): vamos ver o que é que alguém vai fazer

-----

A 5ª macro-estrutura

"não sei o que se possa fazer pelo rio Piracicaba"

repete a 1ª proposição

"não sei as soluções"

da 2ª macro-estrutura, acrescentando-lhe um dado novo "rio Piracicaba".

Nem a 2ª macro-estrutura, nem a 5ª estão ligadas a partes anteriores do texto por relação adversativa, apenas colocam o tópico "ignorância" a respeito das soluções para a poluição em geral e para a poluição do rio Piracicaba em particular, respectivamente.

A 1ª proposição

"não conheço soluções para a poluição"

da 9ª macro-estrutura repete a colocação da "ignorância" a respeito das soluções para a poluição que foi colocada anteriormente pelas 2ª e 5ª macro-estruturas.

A 11ª macro-estrutura

"vamos ver o que é que alguém vai fazer"

retifica as negações colocadas anteriormente pelas 2ª, 5ª e 9ª macro-estruturas

"não sei as soluções",

"não sei o que se possa fazer pelo rio Piracicaba" e

"não conheço soluções para a poluição".

O - C - Paulo Roberto

- 1 - bom eu acho que: Piracicaba não é poluída em relação aos grandes centros
- 2 - mas (Fático): a poluição mais grave é a atmosférica

A 2ª macro-estrutura

"a poluição mais grave é a atmosférica"

não se relaciona adversativamente a nenhuma parte anterior do texto.

## QUADRO II - Textos escritos.

E - A - Cláudio

- 1 - \_\_\_\_\_: a poluição tem causado problemas
- 2 - mas (Disjuntivo PA): tentativas para acabar com a poluição: filtros de ar e canalização de rios

## A 1ª macro-estrutura

"a poluição tem causado problemas"

pode conduzir à conclusão

"então não há solução para esses problemas"

e parece que é essa a conclusão que o emissor quer negar com a 2ª macro-estrutura

"tentativas para acabar com a poluição: filtros de ar e canalização de rios"

E - A - Carla

- 1 - \_\_\_\_\_: a poluição é um assunto questionado  
a poluição é um problema que deve ser enfrentado por todos
- 2 - \_\_\_\_\_: a terra está sendo estragada  
os governos não se preocupam com a ecologia
- 3 - mas afinal (Fático): perguntas sobre a responsabilidade da poluição

A ocorrência de mas afinal precedendo a 3ª macro-estrutura

"perguntas sobre a responsabilidade da poluição"

não estabelece relação adversativa entre essa macro-estrutura e alguma porção anterior do texto.

A exemplo do que ocorre com o texto a seguir (E - B - Silene) a ocorrência de mas parece fazer parte da estrutura interrogativa a que precede.

E - B - Silene

- 1 - \_\_\_\_\_ : a poluição é assunto polêmico  
perguntas sobre a natureza e as origens da poluição
- 2 - \_\_\_\_\_ : o progresso econômico é o causador da poluição
- 3 - \_\_\_\_\_ : os rios poluídos são exemplo de poluição ambiental
- 4 - mas (Fático) : pergunta sobre o combate à poluição com a colaboração de todos poderes para controlar a poluição

A mesma análise feita para o mas afinal que ocorre no texto anterior cabe aqui: mas não estabelece relação adversativa entre partes do texto, mas faz parte de uma estrutura interrogativa:

"pergunta sobre o combate à poluição"

E - D - Sônia Aparecida

- 1 - \_\_\_\_\_ : a poluição aflige a todos  
a poluição está presente no ar e nos rios

2 - \_\_\_\_\_ : devemos nos unir para resolver o problema da poluição

3 - mas (Disjuntivo SN) : não somos só nós que reclamamos os peixes também (reclamam ?)

A 3ª macro-estrutura

"não somos só nós que reclamamos os peixes também"

tem uma relação adversativa com a 1ª proposição

"a poluição aflige a todos"

da 1ª macro-estrutura.

É interessante observar que o mas, aqui considerado, estabelece disjunção não só entre duas macro-estruturas (1ª e 3ª), mas também entre duas proposições da 3ª macro-estrutura. Em ambos os casos, a relação é do tipo SN<sup>17</sup>.

E - B - José Hermes

1 - \_\_\_\_\_ : convivemos diariamente com a poluição

2 - \_\_\_\_\_ : não sei quais as medidas a serem tomadas

3 - \_\_\_\_\_ : a poluição é gerada pela sociedade de consumo

4 - \_\_\_\_\_ : estamos ligados à natureza

5 - mas (Disjuntivo PA) : resta uma esperança para a poluição hoje

pergunta sobre a poluição no futuro

A 1ª proposição

"resta uma esperança para a poluição hoje"

da 5ª macro-estrutura tem uma relação adversativa com relação à conclusão a que o texto todo dirige:

"então a situação é desesperadora".

E - C - Antônio Aparecido

1 - \_\_\_\_\_:

a poluição resulta do progresso  
perguntas sobre a solução para a poluição

2 - \_\_\_\_\_:

podemos preocupar-nos um pouco mais  
com a natureza

3 - mas (Fático):

pergunta sobre a indiferença do homem com relação à poluição  
o homem está voltado para o dinheiro e para a guerra

O mas que precede à 1ª proposição

"pergunta sobre a indiferença do homem com relação à poluição"

da 3ª macro-estrutura não estabeleça relação adversativa entre essa proposição e alguma porção anterior do texto, mas faz parte da estrutura interrogativa da proposição.

Observações: -

a) A maioria das ocorrências de mas disjuntivo (adversativo), são do tipo PA, segundo a classificação acima. Isto quer dizer que sua função é "introduzir uma proposição q, que orienta uma conclusão não-r oposta a uma conclusão r para a qual q poderia conduzir. "Assim, por exemplo, no primeiro texto apresentado (O - B - Maria Angélica), uma conclusão esperada à colocação "não adianta se espavorer", seria a indiferença da população diante da poluição. Mas, a segunda se

quência introduz uma conclusão a essa: "todos sentem que a natureza esteja se acabando".

b) Há duas ocorrências de mas adversativo de tipo SN:

O - B - Telma: 11ª macro-estrutura, e

E - B - Sônia Aparecida: 3ª macro-estrutura,

que introduzem retificação de proposições anteriores. A primeira ocorrência estabelece a relação entre proposições

não-X mas Y

e a segunda ocorrência estabelece a relação

X mas não-Y.

É interessante observar que ocorre nesse segundo texto (E - B - Sônia Aparecida) uma inversão na relação adversativa SN:

(X) a poluição atinge a todos

mas

(não-Y) não somos só nos que reclamamos.

c) Já no texto (O - B - Solange), a sequência resumida pela macro-estrutura "a causa da poluição é a industrialização" não é conclusão de nenhuma proposição precedente e nem retifica uma possível proposição negativa anterior (função SN de mas). O mas que a introduz não tem função disjuntiva (adversativa), mas sim função fática.

d) Observe-se também que, em alguns casos, o mas fático introduz estruturas interrogativas. Pode-se postular a hipótese de que determinadas estruturas interrogativas admitam ser introduzidas no texto (tanto oral, como escrito) por mas, sem função disjuntiva (adversativa).

e) Observe-se ainda que, quanto aos níveis de relacionamento disjuntivo entre macro-estruturas:

1ª) as relações adversativas apontadas não ocorrem somente entre macro-estruturas considerando-se a totalidade de seu conjunto proposicional, mas também entre uma (ou parte de uma) macro-estrutura e outra (ou parte de outra) macro-estrutura (ex: O - B - Maria Angélica);

2ª) as relações não precisam necessariamente se estabelecer entre ma

macro-estruturas dispostas em seqüência nos textos (ex: E - B - Sônia Aparecida);

3e) uma macro-estrutura pode se relacionar a mais de uma macro-estrutura do texto (ex: D - B - Telma);

4e) uma macro-estrutura pode se relacionar ao texto todo que a precede (ex: E - B - José Hermes).

A partir das 14 ocorrências de mas consideradas no corpus, observou-se que, quanto à sua função, elas podem ser distribuídas da seguinte maneira:

- nos textos orais:

04 ocorrências com função disjuntiva, e

04 ocorrências com função fática;

- nos textos escritos:

03 ocorrências com função disjuntiva, e

03 ocorrências com função fática.

#### 4.3. A função dos introdutores

Com relação aos introdutores, não ficam dúvidas a respeito de sua função fática, uma vez que não poderiam funcionar como conjunções, por não conectarem as seqüências discursivas que iniciam a nenhuma seqüência anterior.

Observe-se que, nos 70 textos escritos examinados, só ocorrem introdutores em 05 deles. Essas ocorrências podem ser interpretadas como influência do desempenho linguístico oral sobre o desempenho escrito.

#### 4.4. Finalizadores

Um traço que distingue textos orais de textos escritos são os finalizadores. Esses elementos são atualizados somente nos textos orais. São elementos linguísticos que "fecham" seqüências discursivas.

Eles ocorrem em 23,2 % dos 250 quadros considerados, incluindo-se os iniciais.

Os finalizadores têm duas funções: uma delas é pragmática. Assim como os introdutores e os conectivos, são elementos linguísticos com função fática de comunicação. São usados para contato entre emissor e receptor do discurso. Aliás, essa é a sua função fundamental, representada pelo finalizador "\_\_\_\_\_ né", com 63,7 % das ocorrências.

Outra função que pode ser atribuída aos finalizadores é a função sintática. Alguns elementos, especialmente conjunções, parecem representar truncamento de orações que, por algum motivo, os falantes deixaram de enunciar.

A seguir será apresentado um quadro demonstrativo da frequência de finalizadores em textos orais.

## QUADRO DEMONSTRATIVO da frequência de finalizadores em textos orais.

| <u>Tipo</u>           | <u>Frequência</u> | <u>(%)</u>  |
|-----------------------|-------------------|-------------|
| ____ /                | 192               | 76,8        |
| ____ né /             | 37                | 14,8        |
| ____ sei lá /         | 05                | 02,0        |
| ____ certo /          | 04                | 01,6        |
| ____ viu /            | 02                | 00,8        |
| ____ tão /            | 02                | 00,8        |
| ____ porquê /         | 02                | 00,8        |
| ____ mais /           | 01                | 00,4        |
| ____ aí /             | 01                | 00,4        |
| ____ intão acho que / | 01                | 00,4        |
| ____ num sei /        | 01                | 00,4        |
| ____ né / e /         | 01                | 00,4        |
| ____ né é /           | <u>01</u>         | <u>00,4</u> |
| - Total .....         | 250               | 100,0       |

Observações: -

- 1ª) \_\_\_\_ /: indica ausência de finalizador.
- 2ª) \_\_\_\_ sei lá /: ocorre uma vez como: que sei lá.
- 3ª) \_\_\_\_ tão /: é a atualização de então.
- 4ª) \_\_\_\_ porquê /: é a atualização de porquê.
- 5ª) \_\_\_\_ mais / é a atualização de mas.
- 6ª) \_\_\_\_ num sei / é a atualização de não sei.

Uma observação que deve ser feita aqui é que o finalizador está localizado dentro do texto, pertence à sequência discursiva considerada. Algumas expressões, porém, ocorrem fora do texto oral e seu es copo é o texto todo, um nível que não é abrangido neste trabalho.

Esses finalizadores de texto como um todo quase sempre ocor

rem depois do último quadro do texto e não normalmente compostos pela palavra só e pela expressão é isso, combinadas ou não, como:

só

é só

só isso

é só isso

é isso

é isso aí

acho que é só

#### 4.5. Paragrafação de textos escritos

Uma evidência a favor da própria organização de textos em macro-estruturas é o fato de 87 % das seqüências consideradas serem iniciadas pela disposição gráfica do parágrafo.

O parágrafo é uma unidade gráfica que teoricamente delimita um aspecto do tópico discursivo geral do texto escrito<sup>18</sup>, do mesmo como as macro-operações<sup>19</sup> o fazem.

Essa noção da utilização do parágrafo é ensinada aos estudantes de 1º e 2º graus através do processo normal de instrução. Daí, conclui-se que, aprendida a lição, o estudante disporá graficamente seu texto escrito de tal maneira que a cada parágrafo corresponda um tópico discursivo específico, no nível de macro-operações que está sendo utilizado neste trabalho: a construção das maiores unidades discursivas imediatamente inferiores ao texto tomado em sua totalidade.

Ao restante das seqüências discursivas que não são dispostas graficamente em parágrafos (13 %), poder-se-ia, por hipótese, atribuir se desvios de paragrafação.

Outro tipo de desvio de paragrafação, que não pôde ser siste-maticamente observado pelo tipo de análise que se fez aqui, mas que pode se notar pela observação superficial do corpus, é o excesso de parágrafos gráficos. É comum uma única unidade discursiva, do tipo aqui

considerado, comportar dois ou mais parágrafos gráficos. Depois de uma observação superficial do corpus, parece ser possível afirmar que os sujeitos tendem a construir parágrafos gráficos para enquadrar períodos (sentenças), e não unidades maiores <sup>20</sup>.

#### 4.6. Locuções performativas

Há ainda uma evidência a favor da hipótese da função fática (pragmática) dos conectivos e introdutores considerados no corpus: a alta incidência de locuções performativas <sup>21</sup> que foram incluídas nas categorias de conectivos e introdutares, como se segue:

| Introdutores    |               |                    |      |        |
|-----------------|---------------|--------------------|------|--------|
| Textos orais    | "eu acho que" | - 11               | } 12 | 19,3 % |
|                 | "eu falo que" | - 01               |      |        |
| Textos escritos | "eu acho que" | - 01               | 01   | 20,0 % |
| Conectivos      |               |                    |      |        |
| Textos orais    | "eu acho que" | - 29               | 29   | 21,1 % |
| Textos escritos | "eu acho que" | - 04               | } 06 | 18,1 % |
|                 | "eu sei que"  | - 02 <sup>22</sup> |      |        |

Preferiu-se incluir as locuções performativas nas categorias de conectivos e introdutores, sem dar-lhes um tratamento específico, por opção metodológica de trabalho, uma vez que optou-se inicialmente por restringir o tratamento do corpus deste trabalho à semântica <sup>23</sup>.

NOTAS

- 1 - Para a noção de quadro ("frame") ver p. 15.
- 2 - Para a teoria das macro-estruturas ver pp. 14 e ss.
- 3 - Para a noção de conectivo ver pp. 27 e 28.
- 4 - Ver relação de conectivos no Apêndice, pp. 84 e 86.
- 5 - Ver Nota 4.
- 6 - Ver relação de conectivos de textos escritos no Apêndice, p. 86.
- 7 - Ver Nota 6.
- 8 - Ver Nota 5.
- 9 - Ver relação de ocorrências de introdutores no Apêndice, à p. 87.
- 10 - Ver Nota 3.
- 11 - Há uma única ocorrência no corpus do conectivo mas afinal (E - A - Carla). Contudo, esse conectivo não foi considerado como disjuntivo (adversativo) de acordo com a análise à p. 64.
- 12 - Para a noção de locução performativa ver p. 29.
- 13 - Ver Nota 11.
- 14 - Ver p. 13. De acordo com HALLIDAY e HASAN (1976) há um conjunto de relações coesivas que se estabelecem no texto por processos diferentes daqueles de que tratam no "Cohesion in English". A organização hierárquica de macro-estruturas na construção da totalidade semântica dos textos pode ser uma delas, sem a necessidade de auxílio de outros processos coesivos.
- 15 - Para a noção de função fática da linguagem ver p. 29.
- 16 - Ver Notações à p. II.
- 17 - Ver classificação do mas à p. 57.
- 18 - Ver considerações a respeito do parágrafo à p. 26.
- 19 - Para a noção de macro-operação ver pp. 26 e 27.
- 20 - Ver trabalho de MAMIZUCA (1977) sobre parágrafos à p. 36.
- 21 - Ver Nota 12.
- 22 - Só foram consideradas as ocorrências do verbo saber na 1ª pessoa do singular.
- 23 - Conforme opção de trabalho à p. 34.

## 5. Conclusões

## 5. Conclusões

Após as observações feitas a respeito do uso de conectivos entre determinadas unidades discursivas dos textos que compõem o corpus desta pesquisa, apresentam-se aqui algumas conclusões.

Os conectivos empregados no corpus podem ser divididos em dois grupos:

a) os conectivos conjuntivos, que recobrem as funções aditiva interna e temporal interna para as conjunções, de acordo com a tipologia de HALLIDAY e HASAN (1976) <sup>1</sup>;

b) os conectivos disjuntivos, que correspondem à função adversativa interna para as conjunções, de acordo com a mesma tipologia e em oposição aos anteriores.

Não foram observados conectivos com função causal.

Os conectivos disjuntivos são em número significativamente menor em relação aos conectivos do primeiro grupo e são atualizados por mas. Quando com valor nitidamente disjuntivo (adversativo), mas pode ter qualquer uma das duas funções descritas para esse conectivo segundo a teoria de ANSCOMBRE e DUCROT: a função PA ou a função SN <sup>2</sup>.

Os conectivos conjuntivos são dispensáveis na estruturação dos textos, uma vez que a função de ordenação discursiva interna das seqüências do texto pode ser dada pela simples disposição seqüencial das mesmas. Desse modo, para os conectivos conjuntivos é postulada a hipótese de uma função fática, onde seu valor não é o valor sintático-semântico de conjunção, mas o valor pragmático de manter contato entre emissor e receptor do discurso.

Essa hipótese tem como mais forte evidência o fato de que há uma frequência muito maior de uso de conectivos conjuntivos nos textos orais do que nos textos escritos, sendo que na situação de produção dos textos orais é que ocorre interação direta emissor-receptor do discurso.

A hipótese da função fática se coloca também para algumas

ocorrências de mas, reduzindo-se assim ainda mais a frequência desse conectivo com valor de conectivo disjuntivo.

É preciso lembrar aqui que não é o emprego de determinado conectivo que determina a relação a se estabelecer entre duas seqüências discursivas<sup>3</sup>, mas que, o que determina essa relação é o significado das duas seqüências e a função que cada uma exerce na estruturação do texto como um todo. Desse modo, há no texto, ocorrências de e com função disjuntiva, assim como há também ocorrências de mas com função conjuntiva, isso sem esquecer que as relações conjuntivas ou disjuntivas se estabelecem mesmo na ausência de conectivos. Contudo, esses "desvíos" de emprego de conectivos não invalidam a conclusão do trabalho que é a de que há basicamente duas relações semânticas ao nível macro-estrutural observado, e que uma delas, a relação conjuntiva, é predominante.

Considerando-se que a relação adversativa implica na existência de um "opositor", real ou virtual, para as colocações do texto, dando assim a esse texto um caráter argumentativo, pode-se considerar a baixa incidência de mas disjuntivo como uma evidência a favor do caráter de não-argumentatividade das unidades macro-estruturais consideradas no corpus deste trabalho. Levanta-se aqui a hipótese de que o estatuto dessas unidades seja semântico e que, portanto, elas tenham como função textual principal (mas não exclusiva) organizar informação. O jogo argumentativo fica circunscrito, mais caracteristicamente, ao interior dessas unidades. Essa função semântica, aqui postulada para as macro-estruturas do corpus, não é exclusiva porque a escolha de uma determinada organização macro-estrutural para o texto revela determinadas intenções do emissor em atuar sobre o receptor de seu discurso. E, para os informantes desta pesquisa, considerando-se a situação que condicionou a produção dos textos do corpus, a intenção era de mostrar conhecimentos a respeito do tema que lhes foi colocado.

Há por se levantar, ao nível macro-estrutural aqui considerado, uma tipologia das funções semânticas das macro-estruturas que ocor

rem no discurso dissertativo e as relações que essas macro-estruturas teriam na organização do texto como um todo.

Esse levantamento seria útil ao ensino da dissertação, possibilitando ao aluno explorar todas as possibilidades da organização textual, não se limitando ao emprego de umas poucas categorias (mal exploradas e desorganizadas) como nos textos observados neste trabalho.

Observando-se empiricamente os textos que compõem o corpus, com relação às categorias semânticas dissertativas preenchidas por suas macro-estruturas, pode-se levantar uma tipologia das categorias mais recorrentes, que seriam:

definição  
 exemplificação  
 causa  
 solução  
 resumo

Observa-se também que raros são os textos que apresentam to das essas categorias, limitando-se a maioria a conjugações diversas entre três delas: definição, causa e solução.

As macro-estruturas consideradas aqui, aquelas que são diretamente implicadas pela macro-estrutura mais geral do texto, reduzam informação de seqüências discursivas que poderiam ser chamadas de parágrafos tanto para os textos escritos como para os textos orais. Observe-se, porém, nos textos escritos do corpus, que os informantes tendem a identificar parágrafos gráficos com períodos <sup>4</sup>, e não com unidades discursivas maiores, dominadas por um tópico discursivo mais geral e com uma função semântica específica na organização do todo dissertativo.

Empregando-se, então, a noção de macro-estrutura no ensino da dissertação, é possível que o estudante perceba que o texto é alguma coisa a mais do que um conjunto de idéias soltas a respeito de um tema.

Com relação à frequência do emprego de conectivos e introdu

tores nos textos orais e escritos do corpus, observa-se que esses elementos têm uma frequência significativamente mais alta na modalidade oral, embora sua função em ambas seja predominantemente a mesma: a função fática. E, sendo a função fática característica da linguagem oral, centrada no contato direto emissor-receptor do discurso, pode-se dizer que as ocorrências de conectivos e introdutórios em textos escritos, ao nível aqui considerado, sejam transferências de recursos específicos da linguagem oral para a linguagem escrita.

A hipótese da função fática para os conectivos conjuntivos e a análise do conectivo disjuntivo mas que se fez aqui fazem com que este trabalho ultrapasse os limites da semântica e que se propõe inicialmente. A partir do momento em que se consideram as relações emissor-receptor do discurso na análise textual, não se pode mais falar somente em semântica, mas também em pragmática.

NOTAS

- 1 - Para a tipologia dos conectivos em HALLIDAY e HASAN (1976) ver pp. 27 e 28.
- 2 - Ver descrição dessas funções à p. 57.
- 3 - Ver p. 13.
- 4 - Essa conclusão vai de encontro à conclusão obtida por MAMIZUCA (1977), conforme a p. 36 deste trabalho.



## 6.1. Modelo de questionário utilizado neste trabalho

|                                 |                            |                            |                            |                            |
|---------------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|
| <u>QUESTIONÁRIO INFORMATIVO</u> |                            |                            |                            |                            |
| Série _____                     | Turma                      | A <input type="checkbox"/> | B <input type="checkbox"/> | C <input type="checkbox"/> |
| Nome _____                      |                            |                            |                            |                            |
| Sexo                            | M <input type="checkbox"/> | F <input type="checkbox"/> | Idade _____                | anos                       |
| Local de nascimento _____       |                            |                            |                            |                            |
| Estado _____                    |                            | Endereço atual: R. _____   |                            |                            |
|                                 |                            |                            |                            | nr _____                   |
| Bairro _____                    |                            |                            |                            |                            |
| Cidade _____                    |                            | Telefone _____             |                            |                            |

## 6.2. Quadros demonstrativos da ocorrência de conectivos e introdutórios

## QUADRO DEMONSTRATIVO de conectivos em textos orais.

| Tipo                                   | Frequência |
|--|------------|
| / acho que                             | 07         |
| / eu acho que                          | 08         |
| / eu acho que é isso.                  | 01         |
| / eu acho isso mesmo                   | 01         |
| / eu só acho sabe / que                | 01         |
| / eu acho / e /                        | 01         |
| / eu acho / bom / eu / mais eu acho né | 01         |
| / ach- / acho que / assim              | 01         |
| / eu acho que é só isso que / que tal  | 01         |
| / eu acho / e / ah/                    | 01         |
| / ah / eu acho que                     | 02         |
| / si lá / acho que                     | 01         |
| / tá / _____ eu acho que               | 01         |
| / hu-hum o que eu acho é só isso       | 01         |
| / hum é / eu acho que                  | 01         |
| / ah                                   | 01         |
| / ei nem / ah                          | 01         |
| / agora                                | 03         |
| / gora                                 | 02         |
| / agora / e num / sei lá               | 01         |
| / agora / sei lá não                   | 01         |
| / agora deixe-me ver                   | 01         |
| / agora num resta dúvida que           | 01         |
| / sei lá / agora                       | 01         |
| / bem                                  | <u>01</u>  |
| - Sub-total .....                      | 42         |

(continua)

| Sub-total              | Frequência |
|------------------------|------------|
| (continuação)          |            |
| - Sub-total .....      | 42         |
| / bom / ah             | 01         |
| / bom                  | 03         |
| / bõo                  | 01         |
| / bom / eu acho que    | 01         |
| / bom ea               | 01         |
| / bom / acho que       | 01         |
| / enfim                | 01         |
| / eã / bom             | 01         |
| / é                    | 02         |
| / é isso daí           | 01         |
| / eu noto assim sabe   | 01         |
| / e também             | 01         |
| / e _____ também       | 03         |
| / e / e /              | 02         |
| / e /                  | 09         |
| / er e                 | 01         |
| / e acho que           | 02         |
| / e assim _____ ainda  | 01         |
| / e / bom              | 01         |
| / e eu acho que        | 01         |
| / e / então / bom      | 01         |
| / eã _____ eu acho que | 01         |
| / e / eu acho que      | 01         |
| / e que _____ também   | <u>01</u>  |
| - Sub-total .....      | 61         |

(continua)

| Tipo                                      | Frequência |
|---|------------|
| (continuação)                             |            |
| - Sub-total .....                         | 81         |
| / e o que me resta dizê é que eu acho que | 01         |
| / e o que eu tenho que falá é isso        | 01         |
| / e _____ / sei lá né /                   | 01         |
| / e também ã / por exemplo                | 01         |
| / e / se lá / acho que                    | 01         |
| / e / acho que _____ tamém                | 01         |
| / ah e                                    | 01         |
| / ah / e também                           | 01         |
| / intão / mais                            | 01         |
| / intão                                   | 03         |
| / intão eu acho que                       | 03         |
| / tão eu acho que                         | 02         |
| / tão                                     | 01         |
| / ntão é isso daí                         | 01         |
| / então é nesse sentido / a /             | 01         |
| / inclusive _____ tamém                   | 01         |
| / mais                                    | 06         |
| / mais / ã                                | 01         |
| / mais / u caso assim / eu acho que       | 01         |
| / é mais                                  | 01         |
| / poxa /                                  | 01         |
| / olha / prá terminá aí...                | 01         |
| / que                                     | 03         |
| / que nem                                 | 06         |
| / qué dizê                                | <u>01</u>  |
| - Sub-total .....                         | 123        |

| Tipo   | Frequência |
|--|------------|
| (continuação)                                  |            |
| - Sub-total .....                              | 123        |
| / sabs   | 01         |
| / _____ também                                 | 02         |
| / _____ tamém                                  | 02         |
| / tamém  | 01         |
| / _____ tamém / voltando um pouco mais         | 01         |
| / tamém tam um negócio né / purexempr- que nem | 01         |
| / agora também                                 | 01         |
| / agora _____ tamém                            | 01         |
| / é / tamém                                    | 02         |
| / ã _____ também                               | 01         |
| / bom / _____ também                           | 01         |
| / _____  | <u>43</u>  |
| - Total .....                                  | 180        |

Observações: -

- 1) / \_\_\_\_\_: indica ausência de conectivo.
- 2) Os conectivos estão dispostos em ordem alfabética sem se levar em consideração sua frequência.
- 3) Nas combinações de conectivos tiveram prioridade, pela ordem:
  - 1ª) as conjunções (mas, e);
  - 2ª) os advérbios (então, também).
- 4) Na combinação de dois conectivos pertencentes a essas duas classes, teve prioridade o que foi anunciado em 1ª lugar na cadeia falada, exceto / intão / mais /.

5) Na combinação de conectivos onde não constam nem conjunções, nem advérbios, teve prioridade o elemento enunciado em primeiro lugar, exceto combinações com ai, ã, é, hum.

6) \_\_\_\_\_ entre dois conectivos ou precedendo um conectivo (/ agora \_\_\_\_\_ também; / \_\_\_\_\_ também/), significa cadeia falada.

QUADRO DEMONSTRATIVO de conectivos em textos escritos.

| Tipo                                | Frequência |
|-------------------------------------|------------|
| agora                               | 01         |
| a verdade mesmo é que               | 01         |
| bem                                 | 02         |
| e                                   | 03         |
| enfim                               | 01         |
| em resumo                           | 01         |
| eu acho que                         | 04         |
| então                               | 01         |
| mas                                 | 06         |
| mas afinal                          | 01         |
| portanto                            | 01         |
| porisso                             | 01         |
| porque                              | 01         |
| eu sei que muitas pessoas dizem que | 01         |
| sei que                             | 01         |
| todos sabemos que                   | 01         |
| como sabemos                        | 01         |
| _____ também                        | 04         |
| voltando ao tema                    | 01         |
| _____                               | <u>175</u> |
| - Total .....                       | 208        |

Observações: -

- 1) \_\_\_\_\_: indica ausência de conectivo.
- 2) \_\_\_\_\_: indica cadeia escrita antes do conectivo.

QUADRO DEMONSTRATIVO de introdutores em textos orais.

| Tipo   | Frequência |
|--|------------|
| / bom / é o seguinte eu acho que               | 01         |
| / bom  | 16         |
| / bom / a minha opinião sobre isso eu acho que | 01         |
| / bom / eu acho que                            | 04         |
| / bom sei lá                                   | 01         |
| / bom / bom _____ eu acho que                  | 01         |
| / bom _____ eu acho que                        | 01         |
| / bom / ã                                      | 01         |
| / bom eu acho que                              | 03         |
| / bom acho que                                 | 02         |
| / bom né                                       | 01         |
| / ah / eu acho assim que                       | 02         |
| / ah eu / eu acho que                          | 01         |
| / acho que _____ /                             | 02         |
| / ah / _____ eu acho assim                     | 01         |
| / ah / eu acho assim que                       | 02         |
| / ah sei lá eu / eu acho que                   | 01         |
| / eu acho assim / hum                          | 01         |
| / bem  | 04         |
| / bem / pra mim eu acho que                    | 01         |
| / bem / eu acho que                            | <u>02</u>  |
| - Sub-total .....                              | 50         |

(continua)

| Tipo                                  | Frequência |
|---------------------------------------|------------|
| (continuação)                         |            |
| - Sub-total .....                     | 50         |
| / bem eu acho que                     | 01         |
| / ah                                  | 03         |
| / ah / sei lá                         | 01         |
| / intão                               | 01         |
| / tão / eu só vô falá que eu acho que | 01         |
| / tão veja                            | 01         |
| / é                                   | 02         |
| / é / eu falo que                     | 01         |
| / que                                 | 01         |
| / _____                               | <u>08</u>  |
| - Total .....                         | 70         |

Observações: -

- 1) / \_\_\_\_\_: indica ausência de introdutor.
- 2) Os introdutores estão agrupados por ordem de frequência.
- 3) Nas combinações de introdutores onde ocorre um advérbio, o advérbio teve prioridade.
- 4) Em combinações de introdutores sem advérbio, teve prioridade aquele enunciado em primeiro lugar, exceto ah.
- 5) \_\_\_\_\_ entre dois introdutores ou precedendo um introdutor (/bom \_\_\_\_\_ eu acho que; / \_\_\_\_\_ eu acho que), indica cadeia falada.
- 6) O quadro demonstrativo de introdutores em textos escritos está à página 86.

### 6.3. Amostragem de textos com delimitação de quadros e detecção de rede semântica.

Serão aqui apresentados 10 textos orais e 10 textos escritos, dos mesmos sujeitos.

Os quadros serão delimitados por um traço horizontal. Os nó dulos da rede semântica de cada quadro serão marcados por uma elipse e unidos por linhas retas.

As abreviaturas utilizadas são:

O = texto oral

E = texto escrito

A = grupo A

B = grupo B

C = grupo C

bem / poluição / acho que é uma coisa assim / muito /  
prejudicial / porque / esses problemas que nós estamos  
enfrentando hoje / mais tarde eles vão / eles vão sê /  
vão sê passados assim de geração em geração / né / pros  
meus filhos / os filhos dos meu fi / dos meus filhos /  
e vai tê que sê tomada alguma / atitude pra / minoráes  
se problema // tem esse problema de / poluição das á-  
guas né / que / é o q / é o que eu tenho mais / é o que  
mais si fala hoje em dia / tem mais divulgação / e in-  
clusive tem havido / assim um incentivo a / a / à ali-  
mentação assim de / mais de peixes né / do que da / do  
que da carne propriamente dita / então acho q esse é  
um problema que tem que sê mesmo / resolvido / de algu-  
ma / maneira / então a poluição sonora também né / que/  
hoje em dia mais e mais as pessoas / estão ficando as-  
sim / cum / problemas / de audição // acho que é só is-  
so mesmo viu / que tem prá falá /

falá da poluição / poluição do rio essas coisa / polui-  
 ção da / das fábricas / isso // bom // poluição do rio  
 num tem jeito mesmo né / fazem campanha / contra / tu-  
 do / mais / eu acho que / isso aí não adianta nada es-  
 sas campanha que tão fazendo / puque se adiantasse al-  
 guma coisa / já tinham / já tinham / conseguido né /  
 eã / com que ele / melhorasse né / sua / de situação /  
 mais/falá / co prefeito no adianta (rindo) / no adian-  
 ta falá nada né // eã poluição das fábricas tamém / prin-  
 cipalmente as fábricas né / puque as fábricas que / tra-  
 zem / a / a poluição pos rios / pro ar / pu causo as-  
 sim da fumaça // eu acho que / a melhor coisa que tem  
 que fazê / é comunicá mesmo com / com o / os superio-  
 res daqui de Piracicaba / mais / mais num tem adianta-  
 do / isso / er e tem tamém a / as / escolas que têm  
 feito a / as campanhas / ã / as passeatas / só tamém  
 isso / eu acho que isso aí num / eu acho que / num tá  
 adiantando mais / mais / dev-deveria né / adiantá algu-  
 ma coisa / mai num tá adiantando nada purque continua  
 a mesma situação de quando fizeram aquele / aquela pas-  
 seata do / poluição / o enterro do rio num adiantô na-  
 da sempre tá a mesma coisa // eu acho que é isso / a ú-  
 nica coisa que tem que fazê mesmo é / é continuá co as  
 passeatas / co as / com as / com as / campanhas mais /  
 se / se adiantá / seria bom pra nós / mais eu acho que  
 / pur enquanto num me adiantô nada / tá sempre a mesma  
 coisa // prá mim é isso / só /

O - A - João Carlos

sim / a // é / sobre a poluição / eu acho assim / hum /  
 um problema que / tá agravando bastante agora né / pu  
 caso que / muito é o crescimento / assim desordenado  
 da / da / da população / po exempr / principalmente do  
 Brasil / que ele / nos centro assim mais / mais cresci  
 do como / mais desenvolvidos / São Paulo / Rio de Jane  
 ro / isso daí // então / a poluição se agrava mais /  
 nessas cidades / né // e / agora / o / quando tá se a-  
 gravando bastante agora / eles tão / deu um né estalo  
 né / neles / tal / que / tão procurando mais / é / aca  
 bá co a poluição / pelo menos / diminuí a poluição /  
 nos rios / e tal / sei lá // ntão é isso daí que eles /  
 tá muito grande e / agora que eles / de vez ds / come  
 ço o crescimento assim e tal / eles já deviam tê ido  
 assim é / é / como posso assim dizê / é / pensando /  
 desde o começo / e tal / e / e / regulando as coisas /  
 dividindo mais / ã / as indústrias principalmente / né  
 / mais é que / é qui nu Brasil acho que num tem jeito/  
 pu cas que / foi o crescimento / começo crescê im São  
 Paulo / intão / vai botá uma indústria lá na Amazonas/  
 no adianta / então / num tem / transporte / e tal // é  
 isso daí / po poluição vem com crescimento da cidades/  
 certo / cidade cresce / tem poluição / num tem jeito  
 mesmo / pode diminuí / mas acabar totalmente é muito /  
 eu acho impossível terminá / totalmente a poluição /  
 isso aí / só isso / só isso/

O - A - Raquel

poluição b // bem a poluição nũ / nossos tempos tá bastante avançada né / é rios / até nas matas / né / quase tudo // hum / cê qué sabê tamém / como melhorá / assim / ai / dexô vê // acho que / pa melhorá essa poluição / deve vim mais parte do povo / sabe / pque / num é só o governo que tamém que faiz tudo né / tão eu cho que o povo devia sê mais asseado / prucurá na / nas pequenas coisas / cada um se corrigí / acho que só assim acaba a poluição / cada um tendo consciência da / do que tá fazendo né // só é / dxo vê mais / i / ai // i que o / o governo é cer- / tamém deve tê assim / um poc / uma participação né / e cada / cada / pessoa que / stá governando / deve tê um / como chama / uma consciência do que tá fazendo / i / tentá melhorá assim / como chama / assim / os serviços públicos né / que limpa ruas / rios / limpas rios (rindo) / é / ah que tem que melhorá sabe / cada / como chama / melhorá salários assim das pessoas que / tratam assim da / saúde pública / é saúde não / da limpeza / da população // eu acho que cada pessoa deve / tê sua consciência / tê uma consciência do que tá fazendo / quando joga um papel na rua / ou / quando / tá sujano as coisas / tá quebrano / tá / sei lá / tá fazendo qualquer coisa // só isso /

poluição prá mim é um negócio que num deviria existi /  
 purque afeta a natureza / afeta a / o bem social / da /  
 população // eu acho que devia / os / os man / ã / os  
 políticos / deviam de tomá / melhor / conhecimento /  
 sobre a / a poluição / pra / pra puni as fábricas / ã /  
 as indústrias / pra num jogá elementos poluentes nos  
 rios / ã / fumaça / ônibus nas ruas aí / ah / d devia  
 de / cabá ca poluição / (pausa) sei lá / (pausa lon-  
 ga) / é isso aí há o desmatamento da Amazônia também /  
 que é uma grande / bestera que o Brasil tá fazendo /  
 de num cuidá / preservá / a natureza lá que / se é /  
 chamado o pulmão do mundo aí / devia sê / mais / cuida  
do / isso é uma / uma patrimônio do Brasil / territó-  
 rio / divia sê melhor / observado isso aí // vamo vê '  
 (pausa longa) / ah eu acho que é / e só / isso aí / o  
 pessoal já / deve tê comentado melhor sobre isso aí /

bom que queu posso falá // bom / a poluição / tá sendo  
 acho que um dos principais assim / assuntos / a (discu-  
 tí) assim não no Brasil só mais no mundo intero / como/  
 está / está aparecendo assim / muitas / consequências  
 devido a / a grande / destroços éã / despejados em  
 rios / como / posso citá um exemplo no / acho que na  
 Bahia né / num sei / que / está seno / sim eles / des-  
 pejaro acho que um excesso de mercúrio / e está / afe-  
 tando os pescadores que ne o / a / est / éã essa con-  
 sequência sim / stá pareceno / éã tem pescador que stá  
 che / ã chegado a ficá té cego / intão é isso daí éã /  
 temos que / (combatê-la) antes que a / quela acabe co a  
 gente // posso mais falá // bom / acho que prá evitá / es-  
 se / esse grande / esse grande / (consequência) / esses  
 grandes (consequências) temos que / éã / temos né / que  
 sei lá / co essas essas pessoas lá de cima / (brigarmos)  
 / para que / num haja mais esses / ses / essas / como  
 vô falá (pausa) / esses (grandes dramas) / qué dzê / fei-  
 tos pela poluição / temos que (combatê-la) antes quela a  
 cabe co a gente //

O - B - Silene

bem/ a poluição a muitos dizem que/ seja causa assim do  
 progresso / mais / se/ é o caso do progresso / tão pode  
 mos dizê que pa ela terminá / tinha que parar tudo /  
 mais é impossível / senão/ como o país / nu caso/ assim/  
 vai pra frente / mais/ u caso assim / eu acho que / de-  
 via tê assim um / turminha podia copera / num / sei lá /  
 num jogá igual nosso rio / como tá / num jogá muita /  
 muitos restilo lá / certo/ / num existe só assim / a polui-  
 ção / nesse sentido / existe poluição sonora puraí/ que  
 são esses carros / tudo intend/ existe a poluição da /  
 mente/ da gente/ tudo isso/ mais assim / caso de polui-  
 ção / quando falam assim / a gente logo pensa na polui-  
 ção de ar / como falam de São Paulo / certo/ / tão todo  
 mundo fala / é o progresso/ num sei o quê / talvez num  
 seja / sei lá / porque/ antigamente num era tão / assim/  
 comentado / como agora/ a poluição / eu acho/ sei lá/ xô  
 vê/ no caso se fô o progresso/ é o surgimento das indús-  
 trias né/ que a cada dia/ aumenta mais/ é isso aí/ se elas  
 pararem/ param milhões de brasileiros também que depen-  
 dem dela/ intão/ eu acho que todo mundo sei lá/ podia ha-  
 vê cooperação pra diminuí / mais eu acho que exterminá  
 / é impossível / aí/ olha/ pra terminá aí queu num tenho  
 muita coisa pra falá / se todo mundo colaborasse um po-  
 quinho / sei lá/ tem tanto tipo de colaboração / talvez  
 diminuisse aí porque / faiz mal pra tanta gente essa  
 poluição aí certo / quexiste / tão deviria havê uma co-  
 laboração / dos impresários / dus us dos indus / dos  
 industriais / talvez seja isso //

bom / primeiramente queu acho da poluição / é um pro-  
brema atual / certo / é / num acredito que / um grupo  
 de pessoas / achem uma solução / pra poluição // nós po  
 demos ver exemplo aqui nossa cidade / jogam / resíduos  
 / e / inclusive / o / rio Corumbataí que / nos próxi-  
 mos dias / o meses / vão fornecê água / tal / pra gen-  
 te / tão / a gente fica naquela entendeu / a é bom /  
 pra quem tem dinheiro / num se preocupa / puque compra'  
água / de fora / de garrafão / mas essas pessoas que  
 num têm / condição / eles correm grande risco / como /  
 deu aí / teve um / aí um tema no jornal / de domingo  
 queu li sobre poluição / que / foram jogados resíduos /  
 de uma certa / usina / a qué dzê na / nas / a proximi-  
 dades da usina Costa Pinto / e foram encontrados é / res-  
 tos de animais / inclusive si / falava no jornal / que  
 se / ela fazia / um grande mal / aos animais / porque  
 num poderia fazê pra nós também / qué dzê / isso é uma  
 coisa que / faiz parte / ô melhor / que a gente pode  
 definí poluição / é / a / é sujera certo // mais ela  
 vem da / industrialização / porque se / num tem indus-  
trialização / num houvesse / num teria poluição também  
 né / porque geralmente quem é a maior parte que polui  
 são as indústrias / porquê // poluição / temos / polui-  
 ção ambiental / que é o tipo do rio Piracicaba / temos  
 também / poluição / visual / mais aí / ia / tem a outra  
 poluição sonora / mais aí acho que é uma parte mais /  
 moral entendeu / a poluição em si seria a sujeira // e /

é isso aí / eu acho que / muitas pessoas são / sofrem/  
 de (doenças) / entendeu / muitas causada pela poluição /  
 pela fumaça / eu inclusive sô uma delas / eu / tenho  
 problemas / eu sô (alérgica) / num posso cum lugar assim  
 / muito abafado / lugar em que num tem ventilação /num  
 tem ar puro / e o / conforme os anos vão passando / a  
 poluição vai aumentando / e as (doenças) se propagam /e/  
 num há / é um debate entendeu //tema atual / mais num  
há uma (solução) / eu num acredito / o que poderia ser  
 feito seria / (campanhas) / reunir / fazê (campanhas) /com  
 a / colaboração de todos / entendeu / mais / num seria  
 também um grupo de pessoas porque / num acabaria cum  
ela tão fácil //é só (riso)

é / poluição / poluição pra mim é / cho que é (a coisa/  
(pior) que existe / hoje em dia né / e é o que / realmen  
te (acontece muito) né / nas grandes cidades / inclusive  
nós temos um / um rio aí né / que já (riso)/que / sei  
lá / eu cho que é / a num tem nem condições né / ié /  
prejudica muita coisa né / inclusive os peixes //éã /  
essa poluição em (São Paulo) / eu acho que / é muito (pre  
(judicial) à saúde / ã / a vegetação né / tem é / eu a-  
cho que u um / uma das (piores coisas) que existe / hoje  
em dia //e eu acho que é só isso (riso) / eu num tenho  
nada pra falá / e / é / só isso mesmo /

bom eu acho / que a poluição / é uma / ela decorre / do  
 progresso / à medida que a gente vai / vai / aumentan-  
 do o número de fábricas / de / pra carros / indústrias  
 / de tudo né / vem com ela / vem junto a poluição / es-  
 sas indústrias precisam de um lugar de / livre / intão  
 acabam co as matas / isso piora ainda mais a polui-  
 ção / ela / precisa de / de bastante coisa assim / da  
 natureza / e vai cabando co a natureza / e essa / e es-  
 se acabá co a natureza / agrava ainda / mais / a polui-  
 ção do que / do que era pra / do que era pra ser / se  
 dexassem a natureza assim / livre né // eu acho / bom /  
 eu / mais eu acho né em tudo isso / que deviam / concí-  
 liá / o progresso / cum a / cum a proteção da natureza  
 / porque um / um dia vai acabá essa natureza / o pro-  
 gresso pode continuá / mais a natureza / vai acabá /  
 vai acabá mata / vai acabá rio / vai acabá tudo / do  
 jeito que tá acabando / Tamaquateí / que té deiz ano  
 atrais / pescava queles peixe grande / agora / num tem  
 mais nada / Amazonas / já Amazônia já / Floresta Amazô-  
 nica já quase / se deixar eles acabam com ela / eu cho  
 que a gente precisava se uní / pra dá um jeito de / cui-  
 dá da natureza / porque a gente vai precisá disso um  
 dia / a gente / puque / agora tá / mais se a gente de-  
 xá / daqui uns ano num tem mais nada //

4092/10

E - A - Acrísio

## A Poluição

Hoje em dia ouve-se muito sobre este tema que gera muita polêmica nos debates.

Muito se fala, mas pouco se faz.

---

O problema não pode ser jogado sobre as pessoas que estão no poder, como governadores e outros, porque se eles erram em muitas coisas, também erram as pes-  
soas que só sabem criticar e reivindicar direitos que não têm e que até colaboram por aumentar o problema não tomando consciência da realidade da situação.

Então este problema é de toda uma estrutura.

---

As grandes multinacionais que despejam quantidades enormes de detritos tóxicos nas águas, colocando assim em risco toda uma comunidade, não possui a visão de que isso não represente apenas um problema para os outros, pois não vivemos isolados, assim isto mais cedo ou mais tarde vai se refletir também na vida das pessoas que as dirigem e assim pensarão melhor e chegarão à conclusão de que a ganância do lucro não compensa o desequilíbrio ecológico resultante, e que muita paciência será necessária para se achar a solução do problema.

## Poluição

A poluição é um dos problemas que os (superiores) tentaram resolver.

---

As (indústrias) são as maiores causadoras da poluição, pois, poluem o ar com a fumaça e os rios por causa dos (resíduos) que nelas são jogados.

---

Aqui, em (Piracicaba), já foram feitas várias (palestras) e (palestras) sobre este tema e, também, algum tempo atrás, fizeram, até, a morte do rio. (Tudo) já foi feito, mas a poluição ainda está no ar e por toda parte.

---

De certa forma (nós), também, somos culpados, pois, o verde ajuda a combater a poluição e, (nós), ao invés de plantarmos mais árvores, a destruímos sem pensarmos danos que podemos causar a (nós mesmos).

---

A poluição é um (problema) que ainda durará por algum tempo, mas, esperamos que seja solucionado muito breve, pois sem (ela) acabaria muitas doenças e, também, fome, pois, muitas pessoas vivem da pesca.

E - A - João Carlos

## A Poluição

A Poluição é um problema que vem se agravando cada dia que passa, a Poluição é o resultado de todas estas descobertas que o homem faz, porque o homem ao invés dele progredir ele esta regredindo, quando o homem constroi uma nova maquina, ao mesmo tempo ele estará construindo mais uma força para se matar.

---

Em Piracicaba há varios casos marcantes de Poluição, como por exemplo o rio da nossa cidade esta totalmente poluido; por causa de várias industrias que jogam os seus vestigios poluentes ao longo do curso do rio. Os donos destas industrias discutem sofrem Processos das autoridades e da população para que fechem suas industrias, e eles fazem de tudo para permanecer em funcionamento, não pensando portanto que está poluição poderá afetar tanto ele como seus familiares e uma cidade inteira que necessita dos recursos deste mesmo rio como fonte de alimentação.

E - A - Raquel

## A Poluição

A poluição é um assunto que está sendo bastante discutido atualmente, e que nos está atingindo diretamente e indiretamente, penso eu.

Este assunto só poderá ser resolvido se cada indivíduo, que compõe o nosso país, fizer a sua parte, com relação a poluição.

Eu sei, que muitas pessoas dizem que quem é o culpado é o governo, talvez seja, mais eu não tenho conhecimentos suficientes para saber ou julgar alguém.

Bem, eu acho que todos nós somos culpados, pois todos nós contribuimos com a poluição sonora, com as dos rios e com a poluição do ar.

Quando a população, isto é, o povo do Brasil se unir e lutar contra a poluição, eu sei que dará bastantes resultados. Mais o caso é que cada indivíduo empurra para o outro e assim vai indo.

Eu tenho certeza que eu faça a minha parte, e vo-  
cê tem certeza ?

E - B - Elson

A Poluição

Falar sobrê isto, é a mesma coisa que falar de doença.

A poluição está no ar, na terra, no mar e está chegando até os lugares mais distantes. Ela mata, ela traz distúrbios no pulmão, nos olhos, ela os deixa avermelhados e inchados. Muitas crianças, no Brasil, sofrem muito por causa desta "doença".

A política vem interferindo bastante no combate a poluição, os mais poderosos do País se preocupam mais com seus interesses, suas mordomias, seus orgulhos bestas do que a população, que é a principal vítima.

Hoje ! a floresta Amazonica não é mais a mesma, do que a 8 ou 10 anos atrás. Ela é entregue em mãos de desconhecidos que vem com suas máquinas poderosas (de-) vastando tudo que vêem à sua frente, isto é um crime, quem fêz isso deveria ser prêso.

Não se pode mais pescar como antigamente, os rios estão totalmente poluídos, devido aos resíduos das (fá-) bricas que são jogados nela.

(Eu) poderia falar sobrê êsse tema até dar um livro, mas como (eu) já não gosto muito de falar sobre (es-) se tema. Prefiro parar por aqui mesmo.

E - B - Ivens Roberto

A Poluição

Atualmente o mundo inteiro (discute) esse título, a poluição, a qual vem afetando (meios ambientes) do qual os humanos neles sobrevivem.

No (Brasil), nas cidades em que há muitas (indústri-  
(as) poluidoras, como por exemplo (São Paulo), uma das cidades mais poluídas do Brasil, vem sofrendo grandes consequências para combatê-la, muitos reclamam mais na da conseguem, porque as (indústrias) continuam soltando seus agentes poluidores e com isso provocando inúmeras doenças nos povos, não só de (São Paulo), mas de muitas (cidades) que ficam ao seu redor, porque despejam esses destroços nos rios, e esses rios abastecem muitas cida-  
des.

(Piracicaba) já foi vítima desta catástrofe, quando uma (indústria), não me lembro qual foi, soltou esses destroços, e não só foi como está sendo ainda, porque continuam com essa poluição.

Sem falar da (poluição sonora), devido ao grande nú-  
mero de veículos que rondam pelas cidades e as (indús-  
(trias).

Porisso devemos (lutar) para que diminua esses agen-  
tes poluidores antes que eles acabam conosco.

## A Poluição

Um dos assuntos mais (polêmicos) da atualidade é a poluição. Mas (o que) seria a poluição, (como) ela é produzida, (o porque) da poluição sonora, ambiental ?

---

Muitos dizem que antigamente não havia tanta poluição como agora, e explicam como principal fator causador o (progresso), (progresso) esse econômico, social , etc.

No (progresso) econômico poderíamos citar o aparecimento cada vez maior das (indústrias), (indústrias) essas que vieram gerar mais empregos, mais disponibilidades de produtos no mercado.

---

Na (poluição ambiental), podemos citar como exemplo os nossos (rios), estão cada vez mais poluídos, poluição esta vinda de restos de detritos das indústrias, vinda de nossas próprias casas etc.

---

Mas se o progresso é o principal fator da poluição, (como) faremos para combatê-la se não completamente, pelo menos parcialmente ?

A (solução) é difícil, mas se houver um pouco de (colaboração) de todos, conseguiremos controlá-la.

## Redação: Poluição

Um dos temas mais debatidos e discutido atualmente é a Poluição.

Podemos encarar a poluição, como sujeira, ou quem sabe um fator do desenvolvimento Industrial.

Encontramos a poluição sonora, a qual é referente ao som altíssimo de uma discoteque, a poluição visual, ou seja tudo aquilo que vemos em uma Televisão, que possa afetar um ser psicologicamente.

Mas dentre todas elas, a mais comentada, é a poluição ambiental. Podemos tomar exemplo, o Famoso Rio Piracicaba, que infelizmente é o auge de resíduos, e os quais poluim tanto a água, chegando a ponto de não podermos tomarmos uma água pura, tratada.

Um outro tipo, de como podemos adquirir, ou aumentar a quantidade de poluição ambiental, é através de carros, os quais são importantes meios de transportes, mas que também colaboram muito com a poluição.

E, entre um debate e outro, a poluição se expande e o único prejudicado com essa situação é somente e exclusivamente o homem, pois a cada dia que passa o número de doenças aumentam, e o ar se torna cada vez mais poluído.

Difícilmente encontramos, árvores em uma capital, e então perguntamos, o que fazer para acabar com a Poluição ?

A única coisa de os homens podem fazer, são campanhas, para que a massa de um modo geral, se conscientizar e tente de uma forma ou outra diminuir a Poluição, pois dificilmente surgirá uma resolução para acabar com a mesma.

Não será um grupo de pessoas, que acharão a solução, mesmo porque a Poluição faz parte de um Desenvolvimento Industrial, a melhor forma seria encara-la, como um fator que faz parte de nosso cotidiano.

E - C - Fernando Cezar

## A Poluição

Todos nós sabemos que devemos preservar os rios, lagoas e mares, sabemos também que necessitamos deles, pois nos dão água e alimentos, fornecem energia elétrica e condições para um meio de transporte.

Acontece que atualmente, por negligência da parte de usineiros e proprietários de companhias fabricantes de detergentes, andam despejando em nossos rios restos e resíduos, substâncias químicas nocivas a saúde desses, os quais em perfeitas condições naturais, nos fazem tanto bem.

Não há resposta para a pergunta: Por que poluir os rios? A não ser que tais proprietários sejam individualistas (caso da maioria) pensam somente no seu progresso. A poluição destrói a vida aquática, maltrata as margens dos rios e mares, incomoda a população, a mais beneficiada por essa natureza.

Assim, quando se descobrir que o progresso material não nos leva a nada será tarde e essa maravilha natural estará totalmente destruída.

E - C - Lucimara

## "A Poluição"

Existem varios tipos de poluição, a (sonora), a (ambiental), a (visual).

A poluição (sonora) há em toda parte, é (buzinas), (fábricas) com suas (maquinas), ainda aqui em Piracicaba, por não ser um grande centro não há tanta, mas já há, está começando assim como tudo que é poluição, junto com o progresso. A poluição (sonora) vem das (maquinas), a (ambiental) da (fumaça) das (chaminés) e a (visual) que os próprios (prédios) e falta de (arvores) causam. Quanto mais bonito não é olhar para aquelas paisagens (que hoje só se vê em folhinhas) de casinhas la longe com muitas (arvores) e (plantas), mas essa foto deve ser de antes da revolução industrial.

O (Amazonas) é um bom exemplo, la antes era só (selva) e animais selvagens, agora junto com a transamazônica, chegaram os brancos, as (fabricas) e a poluição, esta certo de nós precisamos de (tudo isso), nós precisamos de (alimentos) que as fabricas industrializam, precisamos de (roupas prontas), precisamos dos (materiais) de construção, enfim, precisamos de tudo que vem das (fabricas). Mas sera que não existe um meio de conciliaris so com a (natureza) ? Eu espero que sim.

Eu acho que se a poluição continuar crescento, nesse (ritmo assustador) (quase como o da inflação!) não há jeito mesmo, nossos (filhos) ou melhor nossos (netos) só saberão o que é mata e animais selvagens por fotografia.

Deus deu inteligencia ao homem, e ele vai se (consientizar) e usar essa inteligencia em favor das (outras coisas que Deus criou) também.

#### 6.4. Amostragem de quadros de análise

A seguir serão colocados os quadros de segmentação correspondentes aos textos orais e escritos apresentados anteriormente.

Cada quadro consta de quatro colunas:

- ordem: indica a ordenação das seqüências discursivas delimitadas na seqüência em que aparecem nos textos;
- macro-estrutura: indica as proposições ou conjuntos de proposições macro-estruturais que reduzem a informação das seqüências a que se se referem;
- rede semântica: indica os núdulos da rede semântica destacada na seqüência discursiva;
- relatores: indica os introdutores, conectivos e finalizadores das seqüências.

As abreviações utilizadas são:

O = texto oral

E = texto escrito

A = grupo A

B = grupo B

C = grupo C

0 - A - Acrísio

| <u>Ordem</u> | <u>Macro-Estrutura</u>                              | <u>Rede Semântica</u>                     | <u>Relatores</u> |
|--------------|---|---|------------------|
| 01           | - a poluição é um problema que precisa ser minorado | - problemas<br>- problema                 | /bem<br>_____/   |
| 02           | - tipos de poluição                                 | - poluição das águas<br>- poluição sonora | /_____/          |

0 - A - Edna

| <u>Ordem</u> | <u>Macro-Estrutura</u>  | <u>Rede Semântica</u>  | <u>Relatores</u>                    |
|--------------|---|--|-------------------------------------|
| 01           | - a poluição do rio (Piracicaba) não tem solução  | - poluição do rio<br>- ele<br>- prefeito   | /bom _____<br>_____ né/             |
| 02           | - as fábricas causam a poluição dos rios  | - fábricas<br>- fábricas<br>- fábricas<br>- rios   | /éã _____<br>tamém _____<br>_____ / |
| 03           | - as medidas que têm sido tomadas contra a poluição do rio Piracicaba não têm adiantado nada  | - comunicá<br>- os superiores<br>- Piracicaba<br>- campanhas<br>- passeatas<br>- passeata<br>- rio | /eu acho<br>que _____<br>_____ /    |
| 04           | - as medidas contra a poluição do rio Piracicaba não adiantam nada<br><br>- é melhor continuar com as medidas contra a poluição do rio Piracicaba | - passeatas<br>- campanhas   | /eu acho<br>que é is-<br>so _____ / |

0 - A - João Carlos

| <u>Ordem</u> | <u>Macro-Estrutura</u>   | <u>Rede Semântica</u>  | <u>Relatores</u>               |
|--------------|--|--|--------------------------------|
| 01           | - o crescimento da população está a gravando a poluição                      | - crescimento<br>- da população<br>- centro<br>- crescido<br>- desenvolvidos<br>- cidades              | /é _____<br>né/                |
| 02           | - estão procurando diminuir a poluição                                       | - acabá<br>- diminuí   | /é _____<br>sei lá /           |
| 03           | - o crescimento de via ter sido planejado                                    | - começô o crescimento<br>- pensando<br>- regulando<br>- dividindo<br>- crescimento<br>- começô crescê | /ntão é<br>isso daí<br>_____/  |
| 04           | - a poluição vem com o crescimento das cidades<br>- a poluição pode diminuir | - crescimento<br>- cresce<br>- diminuí   | /é isso<br>daí _____<br>_____/ |

O - A - Raquel

| <u>Ordem</u> | <u>Macro-Estrutura</u>                                | <u>Rede Semântica</u>  | <u>Relatores</u>              |
|--------------|---|--|-------------------------------|
| 01           | - a poluição está em quase tudo                       | - avançada<br>- rios<br>- matas<br>- quase tudo                                  | /bem _____<br>_____ /         |
| 02           | - o povo deve combater a poluição                     | - povo<br>- povo<br>- cada um  | /acho que _____<br>_____ né / |
| 03           | - o governo deve participar no combate à poluição     | - governo<br>- serviços públicos<br>- saúde pública<br>- da limpeza da população | /i _____ /                    |
| 04           | - cada pessoa deve ter consciência de ser um poluidor | - cada pessoa<br>- sua consciência<br>- consciência                              | /eu acho que _____<br>_____ / |

O - B - Elson

| <u>Ordem</u> | <u>Macro-Estrutura</u>  | <u>Rede Semântica</u>  | <u>Relatores</u>     |
|--------------|---|--|----------------------|
| 01.          | - poluição não deveria existir  | - não deveria existí   | / _____ /            |
| 02           | - os políticos deveriam tomar conhecimento (providência) sobre a poluição | - conhecimento<br>- puni as fábricas<br>- indústrias<br>- ônibus<br>- cabá_ca poluição<br>- Amazônia<br>- mais/cuidado<br>- isso<br>- melhor/observado | /eu acho que _____ / |

O - B - Ivens

| <u>Ordem</u> | <u>Macro-Estrutura</u>  | <u>Rede Semântica</u>  | <u>Relatores</u>                   |
|--------------|---|--|------------------------------------|
| 01           | - a poluição está sendo discutida<br>- a poluição tem que ser combati <u>da</u> | - discutí<br>- combatê-la  | /bom _____<br>_____ /              |
| 02           | - para evitar as consequências da poluição temos que brigar                     | - consequên-<br>cia<br>- consequên-<br>cia<br>- brigarmos<br>- grandes<br>dramas<br>- combatê-la | /bom/ eu acho que _____<br>_____ / |

O - B - Silene

| <u>Ordem</u> | <u>Macro-Estrutura</u>   | <u>Rede Semântica</u>   | <u>Relatores</u>   |
|--------------|--|---|--|
| 01           | - a causa da poluição é o progresso<br>- não se pode parar o progresso | - progresso<br>- progresso<br>- pra frente  | /bem _____<br>_____/   |
| 02           | - deveria haver cooperação para solucionar a poluição                  | - cooperá<br>- num jogá<br>- num jogá   | /mais/ u/<br>caso as-<br>sim/eu a-<br>cho que__<br>_____/                            |
| 03           | - tipos de poluição  | - sonora<br>- mente<br>- ar   | /_____cer<br>to/   |
| 04           | - a causa da poluição seria o progresso                                | - progresso<br>- progresso  | /tão _____<br>_____/   |
| 05           | - cooperação diminui a poluição  | - cooperação<br>- diminuí<br>- exterminá  | /intão/eu<br>acho que_<br>_____ ai/  |
| 06           | - deveria haver colaboração de empresários para diminuir a poluição    | - colaborasse<br>- colaborasse<br>- colaboração dos empresá-<br>rios<br>- industriais | /olha/prá<br>terminá aí<br>queu num<br>tenho mui-<br>ta coisa<br>prá falá_<br>_____/ |

0 - B - Solange

| <u>Ordem</u> | <u>Macro-Estrutura</u>                             | <u>Rede Semântica</u>                                    | <u>Relatores</u>   |
|--------------|--|--|--|
| 01           | - poluição é problema sem solução                  | - problema<br>- solução                                  | /bom _____<br>_____ /  |
| 02           | - um exemplo de poluição são os rios de Piracicaba | - nossa cidade<br>- rio Corumbataí<br>- água<br>- água   | /_____ cer<br>to/ .  |
| 03           | - a causa da poluição é a industrialização         | - industrialização<br>- industrialização<br>- indústrias | /mais _____<br>_____ por-<br>quê/                              |
| 04           | - tipos de poluição                                | - ambiental<br>- visual<br>- sonora                      | /_____/  |
| 05           | - a poluição causa doenças                         | - doenças<br>- alérgica<br>- doenças                     | /e/é isso<br>ai/eu a-<br>cho que _____<br>_____ in-<br>tendeu/ |
| 06           | - uma solução para a poluição seria cam-<br>panhas | - solução<br>- campanhas<br>- campanhas                  | /_____/  |

O - C - Fernando Cezar

| <u>Ordem</u> | <u>Macro-Estrutura</u>  | <u>Rede Semântica</u>                           | <u>Relatores</u> |
|--------------|---|---|------------------|
| 01           | - a poluição é a pior coisa que existe<br>- a poluição acontece muito           | - a coisa pior<br>- acontece <u>mu</u> ito      | /é_____/         |
| 02           | - a poluição em São Paulo é prejudicial<br>- a poluição é uma das piores coisas | - São Paulo<br>- prejudicial<br>- piores coisas | /éã_____/        |

0 - C - Lucimara

| <u>Ordem</u> | <u>Macro-Estrutura</u>                                      | <u>Rede Semântica</u>  | <u>Relatores</u>  |
|--------------|---|--|---|
| 01.          | - o aumento do progresso causa prejuízo à natureza          | - progresso<br>- fábricas<br>- carros<br>- indústrias<br>- indústrias<br>- ela     | /bom eu acho/que____<br>____né/                         |
| 02           | - é preciso conciliar o progresso com a proteção à natureza | - progresso<br>- natureza<br>- natureza<br>- progresso<br>- natureza<br>- natureza | /eu acho/<br>bom/eu/<br>mais eu<br>acho né____<br>____/ |

## E - A - Acrísio

| <u>Ordem</u> | <u>Macro-Estrutura</u>   | <u>Rede Semântica</u>   | <u>Relatores</u> |
|--------------|--|---|------------------|
| 01           | - o tema poluição<br>causa polêmica  | - polêmica<br>- fala<br>- faz   | \$ _____ .       |
| 02           | - o problema é de<br>toda a estrutura<br>social  | - governado-<br>res<br>- pessoas<br>- estrutura                                   | \$ _____ .       |
| 03           | - a poluição vai<br>refletir sobre<br>quem a causa<br>- será procurada<br>uma solução pa-<br>ra a poluição | - multina-<br>cionais<br>- comunidade<br>- pessoas que<br>as dirigem<br>- solução | \$ _____ .       |

E - A - Edna

| <u>Ordem</u> | <u>Macro-Estrutura</u>  | <u>Rede Semântica</u>                                | <u>Relabores</u> |
|--------------|---|--|------------------|
| 01           | - os superiores tentaram resolver a poluição                          | - superiores   | \$ _____ .       |
| 02           | - as indústrias são causadoras da poluição                            | - indústrias<br>- resíduos                           | \$ _____ .       |
| 03           | - as medidas tomadas contra a poluição em Piracicaba foram ineficazes | - Piracicaba<br>- passeatas<br>- palestras<br>- tudo | \$ _____ .       |
| 04           | - nós somos culpados pela poluição                                    | - nós<br>- nós<br>- nós mesmos                       | \$ _____ .       |
| 05           | - esperamos que o problema da poluição seja solucionado               | - problema<br>- ela                                  | \$ _____ .       |

E - A - João Carlos

| <u>Ordem</u> | <u>Macro-Estrutura</u>  | <u>Rede Semântica</u>   | <u>Relatores</u> |
|--------------|---|---|------------------|
| 01           | - a poluição está se agravando<br>- a poluição é resultado do progresso | - agravando<br>- descobertas<br>- progredir   | § _____ .        |
| 02           | - o rio de Piracicaba está poluído pelas indústrias                     | - Piracicaba<br>- rio<br>- indústrias<br>- rio<br>- indústrias<br>- indústrias<br>- rio | § _____ .        |

E - A - Raquel

| <u>Ordem</u> | <u>Macro-Estrutura</u>  | <u>Rede Semântica</u>                        | <u>Relatores</u> |
|--------------|---|--|------------------|
| 01           | - a poluição é um assunto que só será resolvido se cada fizer sua parte | - assunto<br>- assunto<br>- cada indivíduo   | \$ _____ .       |
| 02           | - todos somos culpados pela poluição                                    | - governo<br>- todos nós                     | \$ _____ .       |
| 03           | - quando todos se unirem contra a poluição haverá resultados            | - povo<br>- cada indivíduo<br>- eu<br>- você | \$ _____ ?       |

E - B - Elson

| <u>Ordem</u> | <u>Macro-Estrutura</u>                          | <u>Rede Semântica</u>   | <u>Relatores</u> |
|--------------|---|---|------------------|
| 01.          | - a poluição causa doenças                      | - doença<br>- distúrbios no pulmão<br>- olhos<br>- "doença"   | \$ _____ .       |
| 02           | - os poderosos entregam a Amazônia à devastação | - política<br>- poderosos<br>- mordomias<br>- população<br>- floresta Amazônica<br>- entregue<br>- devastando | \$ _____ .       |
| 03           | - os resíduos das fábricas poluem os rios       | - rios<br>- fábricas  | \$ _____ .       |
| 04           | - eu não gosto de falar sobre poluição          | - eu<br>- eu<br>- esse tema   | \$ _____ .       |

E - B - Ivens Roberto

| <u>Ordem</u> | <u>Macro-Estrutura</u>   | <u>Rede Semântica</u>   | <u>Relatores</u>      |
|--------------|--|---|-----------------------|
| 01           | - a poluição é discutida<br>- a poluição afeta o meio ambiente | - discute<br>- meios ambientes  | \$ _____ .            |
| 02           | - as indústrias causam poluição nas cidades do Brasil          | - Brasil<br>- indústrias<br>- São Paulo<br>- indústrias<br>- São Paulo<br>- cidades<br>- Piracicaba<br>- indústria<br>- poluição sonora<br>- indústrias | \$ _____ .            |
| 03           | - devemos lutar <u>con</u> tra a poluição                      | - lutar   | \$ Porisso<br>_____ . |

E - B - Silene

| <u>Ordem</u> | <u>Macro-Estrutura</u>   | <u>Rede Semântica</u>                                      | <u>Relatores</u>        |
|--------------|--|--|-------------------------|
| 01.          | - a poluição é um assunto polêmico<br>- perguntas sobre sua natureza e suas causas | - polêmicos<br>- o que<br>- como<br>- porque               | \$ _____ ?              |
| 02           | - a causa da poluição é o progresso  | - progresso<br>- progresso<br>- indústrias<br>- indústrias | \$ _____ .              |
| 03           | - a poluição dos rios é exemplo de poluição ambiental                              | - poluição ambiental<br>- rios                             | \$ _____ .              |
| 04           | - pergunta sobre o combate à poluição<br>- resposta: é a colaboração               | - como<br>- solução<br>- colaboração                       | \$ Mas _____<br>_____ . |

| <u>Ordem</u> | <u>Macro-Estrutura</u>  | <u>Rede Semântica</u>  | <u>Relatores</u> |
|--------------|---|--|------------------|
| 01           | - poluição é um tema muito debatido<br>- poluição é sujeira<br>- poluição é causada pelo desenvolvimento industrial | - debatidos<br>- discutido<br>- sujeira<br>- desenvolvimento | § _____ .        |
| 02           | - tipos de poluição   | - sonora<br>- visual<br>- ambiental<br>- ambiental           | § _____ .        |
| 03           | - as consequências da poluição são as doenças e a poluição do ar  | - prejudican <u>do</u><br>- doenças<br>- ar                  | § _____ .        |
| 04           | - pergunta sobre a solução para a poluição<br>- resposta: a solução para a poluição são campanhas                   | - o que<br>- campanhas<br>- resolução                        | § _____ .        |
| 05           | - deve-se encarar a poluição como um fator do cotidiano   | - cotidiano  | § _____ .        |

E - C - Fernando Cezar

| <u>Ordem</u> | <u>Macro-Estrutura</u>  | <u>Rede Semântica</u>  | <u>Relatores</u> |
|--------------|---|--|------------------|
| 01           | - devemos preservar a água<br>- estão poluindo a água   | - rios<br>- lagoas<br>- mares<br>- água<br>- rios<br>- os quais                                  | \$ _____ .       |
| 02           | - pergunta sobre a causa da poluição<br>- resposta: proprietários de fábricas são individualistas     | - por que<br>- proprietários<br>- individualistas<br>- seu progresso                             | \$ _____ .       |
| 03           | - a poluição destrói a natureza<br>- será tarde quando se descobrir que a poluição destrói a natureza | - aquática<br>- rios<br>- mares<br>- natureza<br>- quando<br>- tarde<br>- natural<br>- destruída | . _____ .        |

E - C - Lucimara

| <u>Ordem</u> | <u>Macro-Estrutura</u>  | <u>Rede Semântica</u>  | <u>Relatores</u> |
|--------------|---|--|------------------|
| 01           | - tipos de poluição   | - sonora<br>- ambiental<br>- visual  | § _____ .        |
| 02           | - a poluição sonora está em toda parte  | - sonora<br>- buzinas<br>- fábricas<br>- máquinas  | § _____ .        |
| 03           | - causas da poluição sonora, ambiental e visual   | - sonora<br>- máquinas<br>- ambiental<br>- fumaça<br>- visual<br>- prédios<br>- árvores<br>- árvores<br>- plantas<br>- Amazonas<br>- selva<br>- fábricas | . _____ ,        |
| 04           | - precisamos de produtos industrializados<br><br>- pergunta: como conciliar industrialização com natureza | - tudo isso<br>- alimentos<br>- roupas prontas<br>- materiais<br>- fábricas<br>- natureza  | / _____ .        |
| 05           | - prognóstico do futuro: o homem vai usar a inteligência a favor da natureza                              | - ritmo assustador<br>- filhos<br>- netos<br>- conscientizar<br>- outras coisas que Deus criou   | § _____ .        |

7. Bibliografia

- AUSTIN, J. - How To Do Things with Words - Cambridge - Harvard University - 1977 (2ª Edição).
- BOWEN, J.D. - "A Multiple-Register Approach to Teaching English" - em Revista Brasileira de Linguística Teórica e Aplicada nº 2, v. 1 - 6. Paulo - Centro de Linguística Aplicada - 1966.
- CADIOT, A. e outros - "'Où mais nom mais' - ou: 'Il y a Dialogue et Dialogue'" - em Langue Française nº 42 (94-102) - 1979.
- CÂMARA JR., J.M. - Dicionário de Filologia e Gramática - Rio - J. Ozon - 1970 (4ª Edição).
- CHAROLLES, M. - "Introdução aux Problemes de la Coherence des Textes" - em Langue Française nº 26.
- DASCAL, M. e MARGALIT, A. - "A New 'Revolution' in Linguistics? - 'Text Grammars' vs 'Sentence Grammars'" - em Theoretical Linguistics nº 1/2 (195-213), vol. 1 - 1974.
- Van DIJK, T.A. - Text and Context - Explorations in the Semantics and Pragmatics of Discourse - London - Longman - 1976.
- DUCROT, O. e TODOROV, T. - Dicionário das Ciências da Linguagem - Lisboa - Dom Quixote - 1976.
- GARCIA, O.M. - Comunicação em Prosa Moderna - Rio - Fundação Getúlio Vargas - 1978 (7ª Edição).
- GENOUVRIER, E. e PEYTARD, J. - Linguística e Ensino do Português - Coimbra - Livreria Almedina - 1973.
- HALLIDAY, M.A.K. e HASAN, R. - Cohesion in English - London - Longman - 1976.

- HALLIDAY, M.A.K., McINTOSH, A. e STREVEN, P. - As Ciências Linguísticas e o Ensino de Língua - Petrópolis - Vozes - 1974.
- JAKOBSON, R. - "Linguística e Poética" - em Linguística e Comunicação - S. Paulo - Cultrix - 1975 (8ª Edição).
- KINTSH, W. e outros - "Comprehension and Recall of Text as a Function of Content Variables" - em Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior nº 14 (196-214) - 1975.
- LABOV, W. - Sociolinguistic Patterns - Philadelphia - University of Pennsylvania Press - 1972.
- LEMOS, C.T.G. - "Redações no Vestibular: Algumas Estratégias" - em Cadernos de Pesquisa nº 23 - S. Paulo - Fundação Carlos Chagas - 1977.
- LONGACRE, R.E. - "An Apparatus for the Identification of Paragraph Types" - em Notes on Linguistics nº 15 (5-23) - 1980.
- MAMIZUKA, R.B. - "Redações no Vestibular: Estudo do Parágrafo, Problemas de Organização" - em Cadernos de Pesquisa nº 23 - S. Paulo - Fundação Carlos Chagas - 1977.
- OSAKABE, H. - "Sobre a Noção de Discurso" - em Sobre o Discurso - Estudos nº 6 - Uberaba - Instituto de Letras das Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino - 1979.
- PÊCHEUX, M. - Analyse Automatique du Discours - Paris - Ounod - 1969.
- PRETTI, D. - "A atitude Linguística do Falante" - em Suplemento Cultural do Jornal O Estado de São Paulo de 14/08/1977.
- RODRIGUES, A.D. - Problemas Relativos à Descrição do Português Contemporâneo como Língua Padrão no Brasil - Coimbra - Coimbra Editora Ltda. - 1968.

RUBIN, A.D. - A Theoretical Taxonomy of the Differences between Oral and Written Language - University of Illinois at Urbana - Champaign - 1977.

SCRAGS, G. - "Semantic Nets as Memory Models" - em Computational Semantics - Netherlands - North-Holland - 1976.

TIERNEY, R.J. e MOSENTHAL, J. - Discourse Comprehension and Production: Analyzing Text Structure and Cohesion - University of Illinois at Urbana - Champaign - 1980.

VOGT, C. - Linguagem, Pragmática e Ideologia - S. Paulo - Hucitec - 1980.